

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Departamento de Educação e Psicologia

**PSICOPATOLOGIA E VIOLÊNCIA ENTRE IRMÃOS
NUMA AMOSTRA DE ADOLESCENTES PORTUGUESES**

Versão Final

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Patrícia Pereira Lopes

Otilia Monteiro Fernandes

Inês Carvalho Relva



Vila Real, 2015

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Departamento de Educação e Psicologia

**PSICOPATOLOGIA E VIOLÊNCIA ENTRE IRMÃOS
NUMA AMOSTRA DE ADOLESCENTES PORTUGUESES**

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Patrícia Pereira Lopes

Otilia Monteiro Fernandes

Inês Carvalho Relva

Dissertação submetida à Universidade de
Trás-os-Montes e Alto Douro como requisito
parcial para a obtenção do grau de mestre em
Psicologia Clínica, em outubro de 2014.



Vila Real, 2015

Agradecimentos

Cada vez que nos deparamos com momentos cruciais que nos levam a uma nova etapa de vida, apercebemo-nos de que não alcançamos os nossos objetivos sozinhos. Neste sentido, não posso deixar de agradecer a todos aqueles que me ajudaram a concretizar esta investigação e que sempre estiveram ao meu lado.

Quero fazer um profundo agradecimento às Professoras Doutoradas Otília Fernandes e Inês Relva, pelas pessoas que são e por quem eu tenho o maior respeito, carinho e admiração. Obrigada pela confiança que depositaram em mim e por todo o apoio, orientação, disponibilidade e compreensão prestados, sempre com o intuito de me incentivarem e me ajudarem a fazer o melhor trabalho possível.

Obrigada às instituições que permitiram a recolha de dados para a elaboração da presente investigação e aos adolescentes que tornaram este projeto uma realidade.

Agradeço aos meus pais, ao meu irmão e aos meus avós pelo seu apoio incondicional e por acreditarem sempre em mim, amparando-me e congratulando-me, fazendo-me sentir uma pessoa melhor.

Quero agradecer, ainda, às minhas queridas amigas, Filipa Correia e Tânia Ribeiro, que me acompanharam ao longo destes cinco anos de formação e que, como sempre, foram um bom porto de abrigo nos momentos mais difíceis e de maior fragilidade.

Por último, mas não menos importante, um muito obrigada ao meu namorado, Bruno, pelo suporte, compreensão, apoio, incentivo e dedicação. Agradeço-lhe, do fundo do coração, ter estado ao meu lado, proporcionando-me sempre tão bons momentos.

A todos, por me fazerem sorrir, o meu mais profundo e sincero, OBRIGADA!

Índice

INTRODUÇÃO.....	1
ARTIGO 1: Violência entre irmãos numa amostra de adolescentes portugueses	3
ARTIGO 2: Psicopatologia e violência entre irmãos numa amostra de adolescentes portugueses	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81

INTRODUÇÃO

A presente dissertação centra-se em torno da violência entre irmãos, bem como da sua relação com a sintomatologia psicopatológica, na fase da adolescência. O ponto de partida para este trabalho surgiu do interesse em conhecer as táticas que os adolescentes portugueses utilizam para resolver os seus conflitos fraternos e compreender de que forma é que esses diversos comportamentos, mais ou menos violentos, se correlacionam com a sua saúde mental.

Durante a adolescência, os irmãos experienciam alguns conflitos que, geralmente, tendem a ser positivos, uma vez que permitem aprender a competir e a lidar com os sentimentos de perda e raiva, ensinam a partilhar, e possibilitam a criação de limites. No entanto, quando estas interações se tornam repetitivas e intencionais, acarretando algum sofrimento para os sujeitos, deixam de ser saudáveis, podendo revelar ou despoletar alguma sintomatologia psicopatológica.

A presente investigação está dividida em dois artigos. O primeiro tratará da temática da violência fraterna, estimando a frequência dos comportamentos efetuados pelos irmãos perpetradores sobre os irmãos vítimas; verificando em que medida se associam as diferentes táticas de resolução de conflito; e analisando em que medida estas táticas variam em função da idade, do género e do tipo de fratria. O segundo artigo abordará a ligação da violência entre irmãos com a sintomatologia psicopatológica, analisando em que medida as táticas de resolução de conflito se correlacionam com a sintomatologia psicopatológica; verificando em que medida esta sintomatologia varia em função da idade, do género e do tipo de fratria; e avaliando se as táticas de resolução de conflito exercem um efeito preditor na sintomatologia psicopatológica. Por fim, serão apresentadas as considerações finais e as limitações do presente estudo.

ARTIGO 1: Violência entre irmãos numa amostra de adolescentes portugueses

Violência entre irmãos numa amostra de adolescentes portuguesas

Sibling violence in a sample of Portuguese adolescents

Patrícia Pereira Lopes, Inês Carvalho Relva & Otília Monteiro Fernandes

Resumo

A violência fraterna é uma realidade comum, sendo considerada a forma mais prevalente de violência familiar, contudo, tende a ser encarada como inofensiva. Utilizando uma amostra de 463 adolescentes com irmãos, e aplicando as *Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version* (CTS2-SP), este estudo objetivou estimar a frequência dos comportamentos violentos dos irmãos perpetradores, bem como a dos sofridos pelas vítimas; verificar em que medida se associam as diferentes táticas de resolução de conflito fraterno; e analisar em que medida essas táticas variam em função da idade dos irmãos, do género e do tipo de fratria. Efetuaram-se análises descritivas exploratórias, correlações de *Pearson* intraescalares, análises de variância multivariada (MANOVAS) e utilizou-se o teste *t*. Os resultados demonstraram que os irmãos tendem a utilizar mais a negociação para resolver conflitos, no entanto, a violência psicológica apresenta, também, percentagens elevadas (23% a 85%). Verificou-se que a violência psicológica está positivamente associada ao abuso físico sem sequelas, e este, por sua vez, está associado ao abuso físico com sequelas. Foi ainda constatado que são os adolescentes mais velhos (17-20 anos), o género feminino e as díades mistas (masculino/feminino), que tendem a usar, mas também a sofrer, mais violência. Concluiu-se que a violência entre irmãos é altamente prevalente, tornando-se importante sensibilizar pais e profissionais de saúde e de educação para esta realidade, por forma a evitar o uso da violência como uma tática para a resolução de conflitos fraternos.

Palavras-chave: Violência, irmãos, adolescência, diferenças de idade e de género.

Abstract

Sibling violence is a common reality, being considered the most prevalent form of family violence, however, it tends to be regarded as harmless. Using a sample of 463 adolescents with siblings, and applying the Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version (CTS2-SP), this study aimed to estimate the frequency of violent behaviours of the perpetrators siblings, as well as the suffered by the victims; verify the extent to which the different tactics of sibling conflict resolution are associated; and to analyse in what extent these tactics vary depending on the siblings age, gender and type of phratry. We carried out exploratory descriptive analyses; intrascalar Pearson correlations, multivariate analyses of variance (MANOVA) and we used the *t* test. The results showed that siblings tend to use more the negotiation as a form of conflict resolution, however, the psychological aggression also exhibits high percentages (23% to 85%). We found that psychological aggression is positively associated with injury, and this, in turn, is associated with physical assault. We also found that older adolescents (17-20 years old), female and mixed gender dyads (male/female) tend to use, but also to suffer, more violence. We concluded that sibling violence is highly prevalent, making it important to raise awareness among parents and health and education professionals to this reality, in order to avoid the use of violence as a tactic for the resolution of sibling conflicts.

Keywords: Violence, siblings, adolescence, differences in age and gender.

Introdução

Os irmãos

Como todos sabemos, a família é uma das instituições sociais mais antigas e significativas para o desenvolvimento humano, sendo neste contexto que a maioria de nós inicia as primeiras interações sociais com os outros. As vivências que ocorrem no seio familiar, nomeadamente as relações com os pais e com os irmãos, influenciam os comportamentos dos indivíduos, moldando as suas relações sociais futuras (Adler, 1984; Dunn, 2007; Fernandes, 2005; Minuchin, 1990).

Na maioria dos casos, a fratria torna-se um contexto precoce na vida de cada um, iniciando-se aquando do nascimento do segundo filho (Goldsmid & Féres-Carneiro, 2007; Toman, 1995). Muitos autores têm salientado a fratria, por se constituir como uma das relações mais duradouras na vida de uma pessoa (Dunn, 1983; Michalski & Euler, 2008) e, também, das mais intensas (Foote & Holmes-Lonergan, 2003), sendo que se prendem com um sentimento de afetividade para com um ser semelhante e implicam uma amizade íntima, confiança e proteção mútua (Howe, Aquan-Assee, Bukowski, Lehoux, & Rinaldi, 2001). Contudo, Brody (1998) e Fernandes (2002) esclarecem que nem sempre é assim, pois além dos sentimentos positivos que existem entre irmãos, pode, também, surgir um grande potencial destrutivo nessa mesma relação de profunda intimidade.

Violência entre irmãos

A violência entre irmãos é altamente predominante (Straus, Gelles, & Steinmetz, 1980), constituindo uma das formas mais comuns de violência familiar (Eriksen & Jensen, 2009). No entanto, tem sido uma realidade pouco investigada (Linares, 2006) e, raras vezes, mediatizada (Hoffman & Edwards, 2004). Quando se fala de violência familiar são, frequentemente, revelados dados numéricos acerca da violência conjugal e mesmo da

violência parental, mas no que respeita aos filhos, ou aos irmãos, o mesmo não se verifica (Magalhães, 2010).

Os casos de violência fraterna não chegam ao conhecimento das autoridades (Wiehe, 1998), porque o comportamento abusivo entre irmãos é aceite e tolerado (Caspi, 2002), quer pelos pais (Wallace, 2007) e pelos restantes familiares (Caffaro & Conn-Caffaro, 2005), quer pelos profissionais de saúde (Omer, Schorr-Sapir, & Weinblatt, 2008) e mesmo pelas próprias vítimas (Kettrey & Emery, 2006). A aceitação social relativamente à violência fraterna demonstra, desta forma, a existência de uma “negligência cultural”, isto é, a sociedade está tão acostumada a que a convivência entre irmãos tenha alguma dose de atos violentos que nem se apercebe das vastas consequências que daí podem advir (Castanho, 2010).

Silveira (2009) defende que as disputas são importantes para o desenvolvimento dos indivíduos, no sentido em que, segundo Faber e Mazlish (1995), permitem aprender a competir e a lidar com os sentimentos de perda e raiva, ensinam a dividir e a partilhar, e possibilitam a criação de limites. Ebeunuwa-Okoh e Obiunu (2011) acrescentam que o conflito é um acontecimento inevitável da interação humana, ao passo que, segundo Straus (1979), o uso da violência, como uma tática para lidar com os conflitos, não é. Deste modo, em 2007, Straus argumentou que não é o conflito em si que é prejudicial, mas sim, o uso da violência como uma tática para a resolução de conflitos.

Straus et al. (1980) foram os primeiros autores a chamar a atenção para a violência entre irmãos como um fenómeno problemático e generalizado, quando realizaram um estudo, onde verificaram que 75% de um grupo de jovens, com idades entre os três e os dezassete anos, perpetraram, pelo menos, um ato violento contra um irmão ou uma irmã. Este resultado levou estes autores a concluir que os atos de violência entre irmãos ocorrem

com maior frequência do que a violência de pais para filhos ou mesmo a violência entre casais.

Em Portugal, as primeiras investigações acerca da violência fraterna foram as realizadas por Relva (ver Relva, Fernandes, & Alarcão, 2012a; Relva, Fernandes, & Costa, 2013; Relva, Fernandes, & Mota, 2012b; Relva, Fernandes, Alarcão, & Martins, 2014) e, comparativamente com o primeiro estudo realizado nos EUA, por Straus e colaboradores (1980), Relva et al. (2012b) encontraram que a tática de resolução de conflitos fraterna mais usada por perpetradores, assim como a mais sofrida por vítimas, foi a negociação, seguida da violência psicológica e, depois, da violência física, sendo que as duas últimas apresentaram altas taxas de prevalência nas relações entre irmãos.

Tipos de violência fraterna

Em 1996, Straus, Hamby, Boney-McCoy e Sugarman revisaram as *Conflict Tactics Scales* (CTS), surgindo as CTS2, uma das escalas mais utilizadas para avaliar as táticas de resolução de conflito (Relva et al., 2013; Viejo, Sánchez, & Ortega-Ruiz, 2014). Em 1990, Straus dividiu essas táticas em duas: negociação e violência. A *negociação* foi indicada, pelo autor, como o conjunto de ações realizadas com o intuito de resolver um desacordo, com base numa argumentação racional e numa comunicação de afeto positivo e de respeito pelo outro. No que respeita à *violência*, Straus distinguiu quatro formas, nomeadamente a *agressão psicológica*, que consiste na recorrência a atos verbais (ameaças) e não-verbais (simbólicos) que podem magoar o outro; o *abuso físico sem sequelas*, que implica o uso da força física contra outra pessoa, mas sem lhe causar danos físicos; o *abuso físico com sequelas*, em que, ao contrário do anterior, o abuso por parte de outra pessoa acarreta sequelas físicas, que implicam dor contínua por mais de um dia e/ou lesão de ossos ou tecidos que necessitem ou tenham intervenção médica; e, por último, a *coerção sexual*,

onde há uma intenção de coagir o outro a envolver-se numa atividade sexual (vaginal, oral ou anal) indesejada, que implica atos coercivos, que vão desde a insistência verbal a ameaças, ou mesmo ao uso da força física.

Geralmente, os autores distinguem três formas de violência fraterna, nomeadamente, física, psicológica e sexual (Graham-Bermann, Cutler, Litzenberger, & Schartz, 1994). Mais recentemente foi identificada uma quarta forma, a relacional, indicada como uma violência social ou indireta, em que, muitas vezes, a vítima nem tem conhecimento das ações do agressor (e.g. ridicularizar um sujeito, na sua ausência, perante os pares) (Ostrov, Crick, & Stauffacher, 2006).

A *violência física* é perpetrada pelos irmãos com o propósito de causar dor, ferimentos físicos ou, mais raras vezes, a morte de um irmão ou irmã (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998). Segundo Button e Gealt (2010), a forma mais habitual de violência física é o empurrão, seguida do batimento. Outras formas comuns de violência física são dar bofetadas, pontapear, dar socos, morder, puxar o cabelo, arranhar e beliscar (Kiselica & Morrill-Richards, 2007). Uma pesquisa de Button e Gealt (2010) demonstrou que 42% dos sujeitos, com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos, em algum momento, bateu, empurrou ou deu bofetadas aos seus irmãos. Wiehe (1998) refere, ainda, formas de violência física mais severas, em que os irmãos se atingem, uns aos outros, utilizando objetos como cabos de vassoura, mangueiras de borracha, cabides, escovas de cabelo, cintos e paus, além de serem ameaçados e esfaqueados com pedaços de vidro, facas, lâminas de barbear e tesouras. Kiselica e Morrill-Richards (2007) esclarecem, no entanto, que o uso de objetos (lápiz, vassouras ou tubos) e o uso de armas (facas, tesouras ou revólveres) para infligir dor são as formas mais graves de violência, mas também as menos comuns.

Embora a violência física possa deixar consequências visíveis, no que concerne à *violência psicológica* não existem marcas físicas, o que torna difícil a sua comprovação e detecção (cf. Relva et al., 2012b). Além disso, é errado afirmar que as palavras, a componente básica da violência psicológica, não magoam (Wiehe, 1998), pois, segundo Hoffman e Edwards (2004), esta violência pode ser mais prejudicial para os indivíduos do que as próprias lesões físicas, sendo considerada a mais prevalente e potencialmente destrutiva, acompanhando e/ou precedendo, muitas vezes, a violência física. Um estudo de Duncan (1999) constatou que quase 30% de 336 jovens relataram ser frequentemente intimidados pelos seus irmãos, e quando a violência psicológica estava incluída, as taxas tendiam a aumentar.

A *violência psicológica* refere-se, assim, a interações potencialmente abusivas, envolvendo palavras e ações que transmitem desprezo, exploração e degradação (Button & Gealt, 2010). Wiehe (1998) acrescenta que este tipo de violência fraterna inclui comportamentos como o chamar nomes (feios, que ridicularizam e vexam), rebaixar, aterrorizar, provocar medo, destruir bens pessoais e torturar ou matar um animal de estimação. Caffaro e Conn-Caffaro (1998) completam, referindo que a violência psicológica inclui a negligência, a realização de comentários humilhantes, as ameaças, a depreciação e a rejeição. Numa amostra retrospectiva de 150 adultos foi constatado que 78% dos sujeitos sofreu violência psicológica, incluindo depreciação, intimidação, desprezo, provocações, chegando até à destruição de bens e à morte de animais de estimação (Wiehe, 2000).

O estudo pioneiro em Portugal, que já citámos (Relva et al., 2014), revelou que os comportamentos de violência psicológica mais sofridos pelos irmãos foram os insultos, os gritos e as provocações (62.1% a 74.5%); no que respeita à violência física sem sequelas, os

sujeitos sofreram mais com atos como atirar objetos, torcer o braço, puxar o cabelo ou agarrar à força (38.2% a 47.9%), enquanto na violência física com sequelas, os irmãos vitimizados referiram mais os desmaios, a provocação de fraturas e a necessidade de atendimento hospitalar (0.8% a 8.2%).

Num estudo de Goodwin e Roscoe (1990), cerca de 65% de 272 adolescentes, de ambos os gêneros, afirmou, não só ser perpetrador de qualquer tipo de violência fraterna, mas também vítima. Além disso, constatou-se que a forma mais comum de violência era a menos grave, contudo, 3.4% da amostra referiu ter sido ameaçado com uma faca ou uma arma. Hardy, Beers, Burgess e Taylor (2010) encontraram, igualmente, elevadas taxas de perpetração e de vitimização fraternas, num grupo de 506 estudantes universitários, sendo que 76.6% do gênero masculino e 77.5% do gênero feminino relatou ter sido vítima ou perpetrador de, pelo menos, um ato de violência verbal ou física para com um(a) irmão(ã). Uma outra investigação, conduzida por Khan e Cooke, em 2008, revelou que 89.2% de um grupo de adolescentes admitiu ter perpetrado um ou mais atos de violência física severa contra os irmãos, de forma intencional.

A violência fraterna na adolescência

Na adolescência, os jogos e as brincadeiras entre irmãos, por vezes, dão lugar a comportamentos agressivos entre si, e nessa altura, a resposta assustada da vítima, perante o que inicialmente poderia ser descrito como uma atividade lúdica, torna-se um meio para os perpetradores exercerem poder e controlo sobre o seu irmão ou irmã (Wiehe, 1998). Além disso, atos que possam parecer inofensivos, quando praticados repetidamente, visando aterrorizar ou explorar um irmão, podem tornar-se abusivos (Hoffman & Edwards, 2004) e, portanto, violentos.

Inicialmente, as vítimas de violência fraterna tentam defender-se dos irmãos

perpetradores, contudo, ao verificarem que não têm sucesso, acabam por internalizar o abuso e encaram o comportamento como típico da relação. Por outro lado, o facto de a vítima ter a reacção natural de chorar e gritar por ajuda ou socorro, tende a intensificar o comportamento abusivo por parte do perpetrador. Quanto a este, na maioria das vezes, ri-se da vítima, o que provoca um sofrimento ainda maior nela, pois demonstra que o ato foi deliberado (Wiehe, 1998).

A vulnerabilidade dos irmãos vitimizados pode estar relacionada com diferenças de desenvolvimento físico ou intelectual face aos irmãos abusadores (Kiselica & Morrill-Richards, 2007). Felson (1983) verificou que os irmãos perpetradores tendem a ser os mais velhos da fratria e que as vítimas tendem a ser os mais novos. Neste sentido, Hoffman e Edwards (2004) sublinharam que um irmão mais novo, que tenha sofrido de violência por parte do irmão mais velho, terá, também, tendência a perpetrar atos violentos para com os irmãos mais novos, o que aumenta a probabilidade de futuros comportamentos violentos na família.

Os motivos que levam os adolescentes a recorrer à intimidação como um meio de exercer poder, muitas vezes prendem-se com o facto de os próprios já terem sido vítimas de um pai, um irmão ou alguém de fora do seio familiar (Relva et al., 2012a). Por outro lado, Hotaling, Straus e Lincoln (1990) verificaram que a taxa de violência entre irmãos é mais elevada em famílias onde ocorre, ou ocorreu, agressão conjugal ou parental. O facto de as crianças e/os adolescentes observarem comportamentos violentos no seio familiar resultam numa aprendizagem de que esse tipo de conduta é aceitável, aumentando a sua tolerância para com a violência. Consequentemente, os membros mais novos das famílias, isto é, os filhos, adotam o uso da violência para resolver conflitos, tanto nas relações familiares, como nas relações sociais (Miller, Grabel, Thomas, Bermann, & Graham-Bermann, 2012).

Fatores preditores da violência fraterna

Segundo Eriksen e Jensen (2006), a idade e o gênero apresentam-se como os fatores mais consistentes enquanto preditores da violência fraterna. Steinmetz (1977) realizou um estudo em que verificou que 78% dos pais, com filhos de 8 anos ou menos de idade, notificam pouca agressão entre os filhos, 68% dos pais, com filhos entre os 9 e os 14 anos, relatam episódios de violência fraterna e 63% dos pais, com filhos de 15 ou mais anos de idade, já referem violência física entre os irmãos. Finkelhor, Turner e Ormrod (2006) encontraram resultados semelhantes, afirmando que os irmãos mais velhos são mais propensos a iniciar o abuso, enquanto os mais novos se submetem, sofrendo mais com a violência fraterna. Hoffman e Edwards (2004) sugerem que isto ocorre, possivelmente, porque os irmãos mais novos são incapazes de escapar ao ridículo e à intimidação, enquanto os mais velhos têm a vantagem da força física, da responsabilidade (o que lhes dá poder) e do conhecimento das vulnerabilidades dos mais novos. Ainda assim, Deskeseredy e Ellis (1997) revelam que a violência entre irmãos diminui com a idade, possivelmente, devido à aquisição de melhores competências de comunicação, que diminui, desta forma, a necessidade do uso da violência para resolver conflitos (Noland, Liller, McDermott, Coulter, & Seraphine, 2004).

Os rapazes e as raparigas reagem de forma diferente ao conflito. Neste sentido, no que concerne ao gênero, os rapazes parecem ter maior tendência para exercer violência fraterna, sobretudo nas interações com os irmãos mais novos (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998). Outros autores (Khan & Rogers, 2014; Simonelli, Mullis, Elliot, & Pierce, 2002) verificaram, também, que o gênero feminino é mais agredido, física e emocionalmente, do que o gênero masculino, assim como Duncan (1999) demonstrou que o gênero masculino apresenta níveis mais elevados de perpetração da violência e que as vítimas tendem a ser do

género feminino. Hardy (2001), no entanto, não encontrou diferenças de género entre a vitimização de violência fraterna. No que respeita ao tipo de fratria, Hoffman e Edwards (2004) referem que pares de irmãos masculinos envolvem-se mais em violência, seguido por pares mistos e, por último, pares de irmãs. Mais recentemente, Relva et al. (2014) encontraram percentagens elevadas de perpetração e vitimização fraternas, tanto de violência física, como psicológica, sendo que o género masculino era o que mais usava, mas também o que mais sofria destes tipos de violência. Do mesmo modo, a vitimização e perpetração de violência foi superior nas díades de irmãos rapazes.

Parece que existe, assim, uma certa constância dos estudos em relatarem maiores índices de violência por parte dos irmãos rapazes e entre irmãos rapazes, o que não se estranha, dado que a sociedade educa o género masculino mais para a ação, estimulando os seus impulsos agressivos. Porém, como acabámos de ver, há estudos que consideram que a violência diminui com a idade, pelo facto de os adolescentes serem mais capazes, do que as crianças, de controlar os seus impulsos e resolver os conflitos, usando técnicas mais elaboradas (pensadas) como a negociação. Tendo como base estas controvérsias, e como ponto de partida os pioneiros estudos portugueses sobre violência fraterna (ver Relva et al., 2012a; 2012b; 2013; 2014), colocamos como foco essencial da presente investigação, determinar a extensão da violência entre irmãos na adolescência e concretamente: (a) estimar a frequência dos comportamentos violentos efetuados pelos adolescentes sobre os seus irmãos; (b) verificar em que medida se associam as diferentes táticas de resolução dos conflitos fraternos; e (c) analisar em que medida essas táticas variam em função da idade dos irmãos, do género e do tipo de fratria.

Método

A presente investigação é um estudo quantitativo, visto ser fundamentada em dados de natureza numérica, obtidos através de instrumentos de autorrelato. Apresenta, também, um carácter transversal, na medida em que os dados foram recolhidos num único momento, e tem um carácter exploratório, dado que existem escassas investigações onde se analisam as variáveis presentes nesta pesquisa.

Participantes

A amostra foi constituída por 463 adolescentes com irmãos. A idade dos participantes variou entre os 14 e os 20 anos ($M=16.26$; $DP=1.17$) e mais de metade (63.1%) era do género feminino. Relativamente à escolaridade, os adolescentes frequentavam o ensino secundário, sendo que 173 (37.4%) se encontravam no 10.º ano, 121 (26.1%) estudavam no 11.º ano e 169 (36.5%) frequentavam o 12.º ano. No que concerne ao número de irmãos, a maioria (69.5%) tinha somente um irmão, enquanto 22.7% tinha dois, 5% tinha três irmãos, 1.1% tinha quatro, 0.9% tinha cinco e 0.8% tinha seis irmãos ou mais. Mesmo tendo mais do que um irmão, os participantes foram inquiridos somente sobre um dos irmãos, o mais próximo em idade. Assim, no que respeita ao tipo de fratria, 17.7% dos adolescentes constituíram a díade masculino/masculino, 19.4% masculino/feminino, 31.1% feminino/feminino e 31.7% feminino/masculino (sendo que o primeiro corresponde ao género do sujeito inquirido e o segundo ao/à irmão/irmã ao/à qual se refere).

Instrumentos

Questionário sociobiográfico (QSB)

O QSB é um questionário baseado no *Social Environment Questionnaire* (SEQ), de Toman (1993), adaptado para esta investigação por Fernandes e Relva (2013). O questionário inquire o sujeito acerca da sua condição (género, idade, naturalidade, ano de

escolaridade, doenças, hospitalizações), bem como acerca da sua fratria (número de irmãos, tipo, gênero, idade, doenças ou deficiências) e dos seus pais (idade, estatuto socioeconômico, estado civil).

Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version (CTS2-SP)

As CTS2-SP, de Straus et al. (1996), adaptadas por Relva et al. (2013), constituem uma escala para medir as táticas de resolução de conflito entre irmãos, na perspectiva dos participantes. Estes são instruídos a referir-se ao ano transato, conforme uma das sugestões dos autores originais. Nos casos em que há mais do que um irmão envolvido, os participantes são instruídos a responder acerca do irmão mais próximo em idade. As questões das CTS2-SP estão organizadas em pares de relacionamento, sendo que cada item é apresentado duas vezes, uma sobre os atos do sujeito para com o irmão (perpetração), e outra sobre os atos do irmão para com o sujeito (vitimização). A escala de respostas, tipo *Likert*, reflete a frequência de cada comportamento num determinado período de tempo, variando entre (0) “isso nunca aconteceu”; (1) “uma vez no ano”; (2) “duas vezes no ano”; (3) “3 a 5 vezes no ano”; (4) “6 a 10 vezes no ano”; (5) “11 a 20 vezes no ano”; (6) “mais de 20 vezes no ano”; e (7) “não no ano passado, mas aconteceu antes ou depois”.

As CTS2-SP são compostas por 78 itens, agrupados em cinco subescalas: (1) negociação, emocional e cognitiva; (2) agressão psicológica, ligeira e severa; (3) abuso físico sem sequelas, ligeiro e severo; (4) abuso físico com sequelas, ligeiro e severo; e (5) coerção sexual (excluída deste estudo, por ser uma componente muito particular e sensível, em especial para a presente amostra, dado que requereria autorizações e cuidados extra na investigação de matérias tão íntimas). É importante referir que, na validação das CTS2-SP (Relva et al., 2013), um dos itens da agressão psicológica foi excluído, dado que todos os itens apresentavam uma correlação item-total acima de .30, exceto esse. No que respeita à

consistência interna, o valor da escala geral é adequado (α de Cronbach=.92). Relativamente às subescalas, os valores de confiabilidade, para a perpetração, foram de .78 para a negociação; .74 para a agressão psicológica; .80 para o abuso físico sem sequelas; e .62 para o abuso físico com sequelas. Para a vitimização, os valores foram de .79 para a negociação; .74 para a agressão psicológica; .79 para o abuso físico sem sequelas; e .61 para o abuso físico com sequelas. No que concerne às análises factoriais confirmatórias, para a vertente perpetração das CTS2-SP, confirma-se o ajustamento dos valores, sendo $\chi^2(202)=513.734$; $p=.001$; $Ratio=2.543$; $CFI=.905$; $RMR=.047$ e $RMSEA=.058$. Quanto à vitimização, os valores encontram-se, igualmente, ajustados, sendo $\chi^2(202)=509.783$; $p=.001$; $Ratio=2.523$; $CFI=.905$; $RMR=.049$ e $RMSEA=.047$.

Procedimento

Num primeiro momento foi realizada a seleção das variáveis a estudar e dos participantes, bem como foi efetuada uma pesquisa bibliográfica, através de livros e artigos científicos, recolhidos nas bases de dados da EBSCO, da *b-on* e do Google Académico. Após a seleção dos instrumentos a ser utilizados, foi efetuado um contacto com cinco escolas do ensino secundário do Norte de Portugal, visando obter as devidas autorizações. Depois da obtenção dos compromissos institucionais, oficializados através de um documento escrito, foi entregue um pedido de autorização aos encarregados de educação dos adolescentes.

A administração dos instrumentos decorreu em sala de aula, em contexto grupal, durante cerca de 30 minutos. As turmas eram constituídas entre vinte e vinte e cinco alunos, dispostos em secretárias, de dois a dois. Foi dada uma explicação dos objetivos gerais do estudo, fornecendo as instruções necessárias para o preenchimento dos questionários e evidenciando a participação voluntária, bem como a confidencialidade e o anonimato das

respostas. Devido às atividades letivas dos adolescentes, numa das escolas, a aplicação dos questionários decorreu em contexto individual, em horário pós-laboral. Aí, os questionários foram entregues aos diretores de turma, que se responsabilizaram por entregar e explicar os procedimentos, de acordo com as informações fornecidas pela investigadora. Os adolescentes preencheram os questionários em casa e devolveram-nos aos diretores de turma, que os entregaram, depois, à investigadora.

Resultados

Análises estatísticas

Para o tratamento dos dados foi realizada uma codificação dos instrumentos e construída uma base de dados com recurso ao programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences – IBM SPSS*, versão 20.0; e para a realização das propriedades psicométricas dos instrumentos recorreu-se ao programa *Structural Equation Modeling Software – EQS for Windows*, versão 6.1.

Primeiramente foram analisados todos os questionários, visando excluir aqueles que estavam incompletos ou perfeitamente preenchidos ao acaso. De seguida efetuou-se uma limpeza da amostra, identificando possíveis *missings* e *outliers* prejudiciais ao estudo, sendo que a análise dos *outliers* se efetuou com recurso à determinação de *Zscores* e da distância de *Mahalanobis*. Este procedimento implicou, também, a exclusão de alguns sujeitos da amostra. Posto isto, testou-se a normalidade da amostra, tendo por base o processo de inferência estatística da distribuição normal ou de *Gauss*. Quando os valores de *Skeweness* e *Kurtosis* se situam entre -1 e 1, a normalidade é assegurada, permitindo o recurso a testes paramétricos. No entanto, o recurso a estes testes também é assegurado pelo tamanho da amostra, pois à medida que o tamanho da amostra aumenta, a distribuição das médias amostrais tende a seguir uma distribuição normal. Maroco (2007) refere que em

amostras grandes (superiores a 30) a distribuição da média amostral segue uma distribuição normal, logo, na presente investigação tornou-se passível recorrer a testes paramétricos.

Seguidamente procedeu-se à construção das dimensões que compõem cada instrumento, realizando, depois, as suas análises psicométricas através do *alpha de Cronbach* e das análises factoriais confirmatórias, com o objetivo de confirmar se os itens dos instrumentos correspondiam às dimensões propostas pelos autores originais. No que respeita à análise dos dados, estimou-se a frequência dos comportamentos, objetivando identificar quais os mais efetuados pelos perpetradores e os mais sofridos pelas vítimas; realizaram-se correlações de *Pearson* intraescalares, visando determinar o grau de associação entre as diferentes táticas de resolução de conflito; e, por fim, para realizar as análises diferenciais entre as táticas de resolução de conflito e as variáveis idade, género e tipo de fratria, recorreu-se às análises de variância multivariada (MANOVAS) com nível de significância de 5% ($p \leq .05$) e com recurso à análise de *post-hoc*, utilizando o teste de *Scheffé* nas múltiplas comparações, e utilizou-se o teste *t* para a comparação de médias em amostras independentes.

Análises descritivas

Frequência dos comportamentos, efetuados pelos sujeitos perpetradores e sobre os sujeitos vítimas

Face à análise descritiva dos comportamentos, verificou-se que o comportamento mais efetuado pelos sujeitos perpetradores (Tabela 1), no caso da **negociação**, foi: “*Mostrei que me preocupava com esse irmão/irmã, mesmo que discordássemos*”, com uma percentagem de 97.9% para o género feminino e de 95.9% para o género masculino; no que respeita à **agressão psicológica**, o género feminino registou maior evidência (84.9%) para o comportamento: “*Gritei ou berrei a esse irmão/irmã*”, enquanto o género masculino

referenciou em maior percentagem (78.4%) o comportamento: “*Fiz algo para irritar esse irmão/irmã*”; quanto ao **abuso físico sem sequelas**, tanto o género feminino (50.3%), como o género masculino (53.8%) evidenciaram o comportamento: “*Empurrei ou apertei esse irmão/irmã*”; por fim, relativamente ao **abuso físico com sequelas**, embora com percentagens menos elevadas, o género feminino (16.8%) e o género masculino (22.8%) indicaram o comportamento: “*Esse irmão/irmã teve uma entorse, pisadura, ferida ou pequeno corte por causa de uma luta comigo*”, como o mais prevalente.

Tabela 1. *Frequência dos comportamentos, efetuados pelos sujeitos perpetradores*

Comportamentos	Feminino	Masculino
	(n=292)	(n=171)
	n (%)	n (%)
Negociação		
Mostrei que me preocupava com esse irmão/irmã, mesmo que discordássemos	286 (97.9)	164 (95.9)
Mostrei respeito pelos sentimentos desse irmão/irmã acerca de um assunto	282 (96.6)	157 (91.8)
Disse a esse irmão/irmã que tinha a certeza que poderíamos resolver um problema	232 (79.5)	128 (74.9)
Numa discussão, expliquei a esse irmão/irmã o meu ponto de vista	270 (92.5)	158 (92.4)
Sugeri um acordo para resolver um desentendimento	206 (70.5)	112 (65.5)
Concordei em tentar uma solução sugerida por esse irmão/irmã para um desentendimento	207 (70.9)	115 (67.3)
Agressão psicológica		
Insultei ou disse palavrões a esse irmão/irmã	196 (67.1)	118 (69.0)
Gritei ou berrei a esse irmão/irmã	248 (84.9)	129 (75.4)
Saí abruptamente da sala, da casa ou de qualquer outro local durante um desentendimento com esse irmão/irmã	166 (56.8)	70 (40.9)
Fiz algo para irritar esse irmão/irmã	236 (80.8)	134 (78.4)
Chamei de gordo/a ou feio/a a esse irmão/irmã	140 (47.9)	67 (39.2)
Destruí algo que pertencia a esse irmão/irmã	120 (41.1)	70 (40.9)
Ameacei ferir ou atirar alguma coisa a esse irmão/irmã	79 (27.1)	39 (22.8)

Abuso físico sem sequelas		
Atirei a esse irmão/irmã alguma coisa que o poderia magoar	112 (38.4)	55 (32.2)
Torci o braço ou puxei o cabelo a esse irmão/irmã	105 (36.0)	50 (29.2)
Empurrei ou apertei esse irmão/irmã	147 (50.3)	92 (53.8)
Agarrei à força esse irmão/irmã	79 (27.1)	35 (20.5)
Dei uma bofetada a esse irmão/irmã	132 (45.2)	64 (37.4)
Usei uma faca ou uma arma contra esse irmão/irmã	6 (2.1)	7 (4.1)
Esmurrei ou bati nesse irmão/irmã com algo que o poderia magoar	44 (15.1)	22 (12.9)
Tentei sufocar esse irmão/irmã	6 (2.1)	9 (5.3)
Atirei esse irmão/irmã contra a parede	35 (12.0)	30 (17.5)
Dei uma tarefa nesse irmão/irmã	25 (8.6)	17 (9.9)
Queimei ou escaldei esse irmão/irmã de propósito	2 (0.7)	5 (2.9)
Dei pontapés nesse irmão/irmã	71 (24.3)	38 (22.2)
Abuso físico com sequelas		
Esse irmão/irmã teve uma entorse, pisadura, ferida ou pequeno corte por causa de uma luta comigo	49 (16.8)	39 (22.8)
Esse irmão/irmã sentiu dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma luta que tivemos	28 (9.6)	21 (12.3)
Esse irmão/irmã desmaiou porque eu o/a atingi na cabeça durante uma luta	2 (0.7)	9 (5.3)
Esse irmão/irmã foi ao médico por causa de uma luta comigo	6 (2.1)	10 (5.8)
Esse irmão/irmã precisava de ter ido ao médico por causa de uma luta comigo, mas não o fez	3 (1.0)	6 (3.5)
Esse irmão/irmã teve uma fratura devido a uma luta comigo	8 (2.7)	5 (2.9)

Nota: n = número de sujeitos

No que respeita à frequência dos comportamentos exercidos sobre os sujeitos vítimas, quanto à **negociação**, o comportamento: “*Esse irmão/irmã mostrou que se preocupava comigo, mesmo que discordássemos*” foi o mais salientado pelo género feminino (95.9%), bem como pelo género masculino (94.2%), se bem que o género feminino apresentou igual percentagem (95.9%) em relação ao comportamento: “*Esse irmão/irmã mostrou respeito pelos meus sentimentos acerca de um assunto*”; no que concerne à **agressão psicológica**, o género feminino salientou o comportamento: “*Esse irmão/irmã gritou-me ou berrou-me*”, com uma percentagem de 82.5%, enquanto o género masculino, com 74.3%, fez maior referência ao comportamento: “*Esse irmão/irmã fez algo para me irritar*”; no caso do **abuso físico sem sequelas**, tanto o género feminino (47.9%),

como o género masculino (50.9%) deu ênfase ao comportamento: “*Esse irmão/irmã empurrou-me ou apertou-me*”; por último, face ao **abuso físico com sequelas**, assim como no caso dos perpetradores, os sujeitos vítimas apresentaram, igualmente, percentagens menos elevadas, destacando o comportamento: “*Tive uma entorse, pisadura, ferida ou um pequeno corte por causa de uma luta com esse irmão/irmã*”, com 20.9% para o género feminino e 21.6% para o género masculino.

Análises inferenciais

Associação entre as diferentes táticas de resolução de conflito

Em relação às táticas de resolução de conflito, para a perpetração (Tabela 2), verificaram-se associações significativas positivas mais fortes entre a **agressão psicológica** e o **abuso físico sem sequelas** ($r=.643$; $p\leq.05$), bem como entre o **abuso físico sem sequelas** e o **abuso físico com sequelas** ($r=.587$; $p\leq.05$). Constatou-se uma correlação significativa positiva moderada entre a **agressão psicológica** e o **abuso físico com sequelas** ($r=.336$; $p\leq.05$), e uma associação significativa positiva baixa entre a **negociação** e a **agressão psicológica** ($r=.099$; $p\leq.01$).

Quanto às táticas de resolução de conflito, para a vitimização (Tabela 2), ocorreram, igualmente, associações significativas positivas mais fortes entre a **agressão psicológica** e o **abuso físico sem sequelas** ($r=.640$; $p\leq.05$), bem como entre o **abuso físico sem sequelas** e o **abuso físico com sequelas** ($r=.612$; $p\leq.05$). Ocorreu, também, uma correlação significativa positiva moderada entre a **agressão psicológica** e o **abuso físico com sequelas** ($r=.403$; $p\leq.05$), e uma associação significativa positiva baixa entre a **negociação** e a **agressão psicológica** ($r=.118$; $p\leq.01$).

Tabela 2. Correlações de Pearson entre as dimensões das CTS2-SP

	Negociação	Agressão psicológica	Abuso físico sem sequelas	Abuso físico com sequelas
Perpetração				
Negociação	-	-	-	-
Agressão psicológica	.099*	-	-	-
Abuso físico sem sequelas	.049	.643**	-	-
Abuso físico com sequelas	.001	.336**	.587**	-
Vitimização				
Negociação	-	-	-	-
Agressão psicológica	.118*	-	-	-
Abuso físico sem sequelas	.046	.640**	-	-
Abuso físico com sequelas	.015	.403**	.612**	-

Nota: * $p \leq .05$; ** $p \leq .01$

Análises diferenciais

Diferença das táticas de resolução de conflito em função da idade

No sentido de verificar até que ponto as táticas de resolução de conflito variam em função da idade, foram criados dois grupos de idade (dos 14 aos 16 anos e dos 17 aos 20 anos) e realizada uma análise de variância multivariada (MANOVA). De acordo com os resultados observados, no que respeita à perpetração (Tabela 3), verificou-se que existem diferenças significativas das táticas de resolução de conflito em função da **idade** [$F(8,454)=1.980$; $p=.047$; $\eta^2=.817$]. Destacaram-se, assim, diferenças significativas entre os grupos no que respeita à variável **agressão psicológica ligeira** [$F(1,461)=10.551$; $p=.001$; $\eta^2=.900$], com IC 95% [2.65, 2.95], sendo que os adolescentes com idades compreendidas entre os 17 e os 20 anos ($M=3.05$; $DP=1.59$) apresentam uma média superior de agressão psicológica ligeira comparativamente com os adolescentes com idades entre os 14 e os 16 anos ($M=2.55$; $DP=1.66$).

Tabela 3. Diferença das táticas de resolução de conflito em função da idade (perpetração)

CTS2-SP	Grupos de idade	M±DP	IC 95%	Direção das diferenças significativas
Perpetração				
Negociação emocional	1 – 14-16	4.40±1.50	[4.35, 4.69]	n. s.
	2 – 17-20	4.57±1.44		
Negociação cognitiva	1 – 14-16	3.27±1.78	[3.27, 3.60]	n. s.
	2 – 17-20	3.60±1.84		
Agressão psicológica ligeira	1 – 14-16	2.55±1.66	[2.65, 2.95]	2>1
	2 – 17-20	3.05±1.59		
Agressão psicológica severa	1 – 14-16	1.14±1.41	[1.10, 1.36]	n. s.
	2 – 17-20	1.33±1.42		
Abuso físico sem sequelas ligeiro	1 – 14-16	1.19±1.37	[1.13, 1.39]	n. s.
	2 – 17-20	1.33±1.46		
Abuso físico sem sequelas severo	1 – 14-16	.27±.63	[.25, .37]	n. s.
	2 – 17-20	.34±.69		
Abuso físico com sequelas ligeiro	1 – 14-16	.42±1.09	[.33, .53]	n. s.
	2 – 17-20	.44±1.08		
Abuso físico com sequelas severo	1 – 14-16	.09±.51	[.04, .12]	n. s.
	2 – 17-20	.08±.37		

Nota: CTS2-SP = *Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version (Portuguese)*; M = Média; DP = Desvio-padrão; IC_{95%} = Intervalo de Confiança a 95%

No que concerne à vitimização, os resultados obtidos indicaram que existem, igualmente, diferenças significativas das táticas de resolução de conflito em função da **idade** [F(8,454)=2.913; $p=.004$; $\eta^2=.952$]. Observaram-se diferenças significativas entre os grupos no que se refere à variável **negociação cognitiva** [F(1,461)=4.985; $p=.026$; $\eta^2=.606$], com IC 95% [3.01, 3.35], sendo que os adolescentes com idades compreendidas entre os 17 e os 20 anos ($M=3.37$; $DP=1.89$) apresentam uma média superior de negociação cognitiva em comparação com os adolescentes com idades entre os 14 e os 16 anos ($M=2.99$; $DP=1.82$). Verificaram-se, do mesmo modo, valores significativos na variável **agressão psicológica ligeira** [F(1,461)=8.766; $p=.003$; $\eta^2=.840$], com IC 95% [2.52, 2.82], sendo que também os adolescentes com idades compreendidas entre os 17 e os 20 anos ($M=2.89$; $DP=1.55$) apresentam uma média superior de agressão psicológica ligeira em

comparação com os adolescentes com idades entre os 14 e os 16 anos ($M=2.45$; $DP=1.63$). Diferenças significativas foram, ainda, observáveis na variável **agressão psicológica severa** [$F(1,461)=4.355$; $p=.037$; $\eta^2=.549$], com IC 95% [1.11, 1.37], sendo novamente os adolescentes com idades compreendidas entre os 17 e os 20 anos ($M=1.38$; $DP=1.39$) a apresentar uma média superior de agressão psicológica severa em comparação com os adolescentes com idades entre os 14 e os 16 anos ($M=1.10$; $DP=1.40$).

Diferença das táticas de resolução de conflito em função do género

Para testar as diferenças das táticas de resolução de conflito em função do género realizou-se uma análise mediante o teste t . Os resultados obtidos demonstraram que, face à perpetração (Tabela 4), existem diferenças significativas nas táticas de resolução de conflito em função do **género** nas dimensões **negociação emocional** [$t(461)=2.616$; $p=.009$], com IC 95% [.09, .64] e **agressão psicológica ligeira** [$t(461)=2.591$; $p=.010$], com IC 95% [.09, .71], sendo o género feminino ($M=4.61$; $DP=1.40$ e $M=2.92$; $DP=1.64$, respetivamente) a utilizar mais estas táticas comparativamente com o género masculino ($M=4.24$; $DP=1.57$ e $M=2.51$; $DP=1.62$, respetivamente). Verificaram-se, igualmente, valores significativos nas dimensões **abuso físico com sequelas ligeiro** [$t(266)=2.300$; $p=.022$], com IC 95% [-.48, -.03] e **abuso físico com sequelas severo** [$t(202)=2.048$; $p=.042$], com IC 95% [-.21, -.00], sendo o género masculino ($M=.59$; $DP=1.31$ e $M=.15$; $DP=.66$, respetivamente) a usar mais estas táticas do que o género feminino ($M=.33$; $DP=.91$ e $M=.04$; $DP=.26$, respetivamente).

Tabela 4. Diferença das táticas de resolução de conflito em função do género (perpetração)

CTS2-SP	Género	$M \pm DP$	IC 95%	Direção das diferenças significativas
Perpetração				
Negociação emocional	1 – Feminino	4.61±1.40	[.09, .64]	1>2
	2 – Masculino	4.24±1.57		
Negociação cognitiva	1 – Feminino	3.50±1.81	[-.10, .57]	n. s.
	2 – Masculino	3.27±1.82		
Agressão psicológica ligeira	1 – Feminino	2.92±1.64	[.09, .71]	1>2
	2 – Masculino	2.51±1.62		
Agressão psicológica severa	1 – Feminino	1.25±1.43	[-.18, .35]	n. s.
	2 – Masculino	1.17±1.38		
Abuso físico sem sequelas ligeiro	1 – Feminino	1.29±1.40	[-.15, .38]	n. s.
	2 – Masculino	1.18±1.44		
Abuso físico sem sequelas severo	1 – Feminino	.29±.60	[-.16, .08]	n. s.
	2 – Masculino	.33±.74		
Abuso físico com sequelas ligeiro	1 – Feminino	.33±.91	[-.48, -.03]	n. s.
	2 – Masculino	.59±1.31		
Abuso físico com sequelas severo	1 – Feminino	.04±.26	[-.21, -.00]	2>1
	2 – Masculino	.15±.66		

Nota: CTS2-SP = Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version (Portuguese); M = Média; DP = Desvio-padrão; IC_{95%} = Intervalo de Confiança a 95%

Relativamente à vitimização, também se verificaram diferenças significativas das táticas de resolução de conflito em função do **género** na dimensão **agressão psicológica ligeira** [$t(461)=3.118$; $p=.002$], com IC 95% [.17, .78], sendo o género feminino ($M=2.82$; $DP=1.62$) a sofrer mais com esta tática do que o masculino ($M=2.34$; $DP=1.55$), e na dimensão **abuso físico com sequelas severo** [$t(194)=-2.109$; $p=.036$], com IC 95% [-.26, -.00], sendo o género masculino ($M=.18$; $DP=.81$) a sofrer mais com esta tática do que o feminino ($M=.05$; $DP=.28$).

Diferença das táticas de resolução de conflito em função do tipo de fratria

Visando analisar as diferenças das táticas de resolução de conflito em função do tipo de fratria realizou-se uma análise de variância multivariada (MANOVA). No que

respeita à perpetração (Tabela 5), os resultados observados demonstraram que existem diferenças significativas das táticas de resolução de conflito em função do **tipo de fratria** [F(24,1362)=2.007; $p=.003$; $\eta^2=.996$]. Neste sentido, verificaram-se diferenças significativas entre os grupos no que respeita à variável **agressão psicológica ligeira** [F(3,459)=3.104; $p=.026$; $\eta^2=.724$], com IC 95% [2.55, 2.86], contudo, aquando a realização de um teste de *post-hoc*, com recurso ao teste de *Scheffé*, constatou-se que não existem diferenças significativas. Verificaram-se, também, valores significativos na variável **abuso físico com sequelas severo** [F(3,459)=3.298; $p=.020$; $\eta^2=.752$], com IC 95% [.05, .13], sendo que o tipo de fratria masculino/feminino ($M=.21$; $DP=.82$) apresenta uma média superior de abuso físico com sequelas severo comparativamente com o tipo de fratria feminino/masculino ($M=.03$; $DP=.28$).

Tabela 5. Diferença das táticas de resolução de conflito em função do tipo de fratria (perpetração)

CTS2-SP	Tipo de fratria	<i>M</i> ± <i>DP</i>	IC _{95%}	Direção das diferenças significativas
Perpetração				
Negociação emocional	1 – Masculino/Masculino	4.19±1.54	[4.29, 4.57]	n. s.
	2 – Masculino/Feminino	4.32±1.60		
	3 – Feminino/Feminino	4.66±1.34		
	4 – Feminino/Masculino	4.55±1.47		
Negociação cognitiva	1 – Masculino/Masculino	3.23±1.80	[3.21, 3.56]	n. s.
	2 – Masculino/Feminino	3.30±1.84		
	3 – Feminino/Feminino	3.60±1.85		
	4 – Feminino/Masculino	3.41±1.77		
Agressão psicológica ligeira	1 – Masculino/Masculino	2.38±1.61	[2.55, 2.86]	n. s.
	2 – Masculino/Feminino	2.58±1.62		
	3 – Feminino/Feminino	2.99±1.72		
	4 – Feminino/Masculino	2.88±1.57		
Agressão psicológica severa	1 – Masculino/Masculino	1.10±1.43	[1.07, 1.34]	n. s.
	2 – Masculino/Feminino	1.20±1.31		
	3 – Feminino/Feminino	1.26±1.43		
	4 – Feminino/Masculino	1.26±1.45		
Abuso físico sem sequelas ligeiro	1 – Masculino/Masculino	1.23±1.50	[1.10, 1.37]	n. s.
	2 – Masculino/Feminino	1.07±1.35		
	3 – Feminino/Feminino	1.35±1.49		
	4 – Feminino/Masculino	1.28±1.33		
Abuso físico sem sequelas severo	1 – Masculino/Masculino	.27±.59	[.24, .37]	n. s.
	2 – Masculino/Feminino	.35±.77		
	3 – Feminino/Feminino	.26±.56		
	4 – Feminino/Masculino	.34±.69		
Abuso físico com sequelas ligeiro	1 – Masculino/Masculino	.64±1.30	[.36, .56]	n. s.
	2 – Masculino/Feminino	.51±1.29		
	3 – Feminino/Feminino	.40±.98		
	4 – Feminino/Masculino	.28±.87		
Abuso físico com sequelas severo	1 – Masculino/Masculino	.04±.29	[.05, .13]	2>4
	2 – Masculino/Feminino	.21±.82		
	3 – Feminino/Feminino	.07±.33		
	4 – Feminino/Masculino	.03±.28		

Nota: CTS2-SP = *Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version (Portuguese)*; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão; IC_{95%} = Intervalo de Confiança a 95%

Face à vitimização, os resultados obtidos demonstraram que não existem diferenças significativas das táticas de resolução de conflito em função do tipo de fratria [$F(24,1362)=1.344; p=.124$].

Discussão

A violência entre irmãos parece constituir a forma mais prevalente de violência familiar (Eriksen & Jensen, 2009), no entanto, tem sido pouco investigada em Portugal. Visando conhecer esta realidade numa população de adolescentes portugueses, o presente estudo utilizou as *Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version (CTS2-SP)*, para alcançar os seus objetivos. Além de serem uma das medidas mais utilizadas para avaliar as táticas de resolução de conflito em adolescentes, as CTS2-SP apresentam bons índices de fidelidade e validade (Relva et al., 2013). Tanto para a perpetração, como para a vitimização, os valores de *alpha de Cronbach* situam-se dentro do esperado, apresentando valores similares aos encontrados por Relva et al. (2013), bem como pelos autores originais (Straus et al., 1996). Segundo Straus (2007), os valores mais baixos de *alpha*, nomeadamente do abuso físico com sequelas ($0.61 < \alpha < 0.62$), podem dever-se à exclusão de alguns itens da subescala ou, no caso desta investigação, devido à prevalência reduzida destes comportamentos.

Os resultados do presente estudo demonstraram que a tática mais usada para resolver conflitos foi a negociação, contudo, também se verificaram percentagens elevadas de violência psicológica e violência física. No que concerne aos comportamentos mais utilizados, os resultados vão de encontro aos de Relva et al. (2014), sendo que, relativamente à violência física, os adolescentes tendem a utilizar e a sofrer mais de gritos, berros e provocações; em relação à violência física sem sequelas, destacam-se os

empurrões e os apertões; e quanto à violência física com sequelas, os jovens sofrem e perpetram mais entorses, pisaduras, feridas e pequenos cortes.

Quanto às análises inferenciais, os resultados indicaram que a violência psicológica está positivamente associada ao abuso físico sem sequelas, bem como este está associado ao abuso físico com sequelas. Hoffman e Edwards (2004) sugerem que a violência psicológica pode preceder a violência física e, de facto, estes dados sugerem que à medida que a violência psicológica aumenta, maior possibilidade existe de um sujeito vir a perpetrar abuso físico sem sequelas, assim como este abuso pode conduzir ao abuso físico com sequelas.

Segundo Finkelhor et al. (2006), os irmãos mais velhos são mais propensos a iniciar atos violentos, enquanto os mais novos se submetem. Nesta investigação, verificou-se que os adolescentes mais velhos da amostra (17-20 anos) tendem a aplicar mais a violência psicológica ligeira para resolver conflitos do que os adolescentes mais novos (14-16 anos), o que pode ser explicado pelo facto de os sujeitos mais velhos já terem adquirido maturidade para lidar com os conflitos de uma forma mais racional e não tanto através da ação, como ocorre com os sujeitos mais novos. No mesmo sentido, também se constatou que o grupo de adolescentes mais velhos é o que mais sofre com a violência psicológica, quer ligeira, quer severa.

No que concerne às diferenças de género, os rapazes parecem ter maior tendência para exercer violência fraterna (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998), enquanto o género feminino parece sofrer mais, física e psicologicamente (Khan & Rogers, 2014). Já Relva et al. (2014) encontraram que o género masculino é o que mais usa, mas também o que mais sofre com a violência fraterna. Neste estudo, quanto à perpetração, os resultados indicaram que o género feminino utiliza mais a negociação emocional, mas também a violência

psicológica ligeira, enquanto o género masculino perpetra mais abuso físico sem sequelas. No que respeita à vitimização, constatou-se que o género feminino parece sofrer mais de violência psicológica ligeira, enquanto o género masculino sofre mais de abuso físico com sequelas severo. Os nossos resultados revelaram-se um pouco discrepantes dos apresentados pelos pesquisadores anteriores, possivelmente devido ao facto de eles terem investigado jovens adultos, enquanto o nosso estudo foi realizado com adolescentes.

Em relação ao tipo de fratria, Hoffman e Edwards (2004), bem como Relva et al. (2014), referem que as díades masculinas são as que mais se envolvem em violência fraterna. No entanto, os resultados desta investigação revelaram que o grupo masculino/feminino perpetra mais abuso físico com sequelas severo, do que o grupo feminino/masculino, o que demonstra que são as díades fraternas mistas que tendem a envolver-se mais em atos violentos, embora se continue a verificar que é o género masculino que inicia mais vezes a perpetração de violência.

O facto de um sujeito ter que conviver com o abuso e violência do próprio irmão, todos os dias, leva-o a considerar que conviver com o inimigo dentro de casa é natural e que faz parte da vida familiar (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998). Torna-se, assim, importante realizar mais investigações nesta área, a fim de compreender e tentar minimizar a utilização da violência fraterna como uma tática para a resolução de conflitos, até porque alguns estudos já demonstraram como existe um ciclo vicioso e intergeracional da violência, e como ela depois se repercute, também, em contextos extrafamiliares (a compreensão desta rede pode, por exemplo, ajudar a explicar o *bullying* nas escolas e auxiliar na implementação de medidas mais eficazes e sistémicas, que incluam simultaneamente a família e a escola). Algumas implicações práticas que poderiam ser benéficas seriam a sensibilização dos pais e dos profissionais de saúde e da educação para o fenómeno da

violência fraterna como uma forma de violência familiar, bem como o ensino de competências comunicacionais, aos pais, por forma a promoverem uma interação positiva entre os seus filhos. Por outro lado, uma vez que o contexto familiar é muito íntimo, intervir fora da família poderá ser mais fácil. Neste sentido, desenvolver projetos educativos que envolvessem todos os participantes na vida escolar das crianças e dos adolescentes, também seria importante, dado que a escola é um espaço coletivo e permite a socialização dos sujeitos.

Para concluir, referimos algumas limitações da presente investigação. No que respeita à dimensão geográfica da amostra, esta não é representativa da realidade portuguesa, uma vez que a informação só foi recolhida em cinco escolas do norte do país. Além disso, a violência sexual, bem como as possíveis causas da violência, não foram exploradas. Em investigações futuras seria importante aumentar o tamanho da amostra e tentar compreender os motivos que levam os adolescentes a resolver os seus conflitos, muitas vezes, através do uso da violência, assim como seria benéfico analisar se os irmãos que perpetram violência fraterna tendem a transferi-la para o meio social, nomeadamente para as relações entre pares ou até para as relações amorosas.

Referências

- Adler, A. (1984). *Conocimiento del hombre*. Madrid: Editorial Espasa-Calpe.
- Brody, G. H. (1998). Sibling relationship quality: Its causes and consequences. *Annual Review of Psychology, 49*, 1-24. doi: 10.1146/annurev.psych.49.1.1
- Button, D. M., & Gealt, R. (2010). High risk behaviors among victims of sibling violence. *Journal of Family Violence, 25*(2), 131-140. doi: 10.1007/s10896-009-9276-x
- Caffaro, J. V., & Conn-Caffaro, A. (1998). *Sibling abuse trauma: Assessment and intervention strategies for children, families, and adults*. New York: Haworth Press.
- Caffaro, J. V., & Conn-Caffaro, A. (2005). Treating sibling abuse families. *Aggression and Violent Behavior, 10*(5), 604-623. doi: 10.1016/j.avb.2004.12.001
- Caspi, J. (2012). *Sibling aggression: Assessment and treatment*. New York: Springer.
- Castanho, G. M. P. (2010, setembro). *Violência entre irmãos: Abuso físico, moral e sexual*. Paper apresentado no 17.º Congresso Brasileiro de Psicodrama, São Paulo.
- DesKeseredy, W., & Ellis, D. (1997). Sibling violence: A review of Canadian social research and suggestions for further empirical work. *Humanity and Society, 21*, 397-411.
- Duncan, R. D. (1999). Peer and sibling aggression: An investigation of intra and extra-familial bullying. *Journal of Interpersonal Violence, 14*(8), 871-886. doi: 10.1177/088626099014008005
- Dunn, J. (1983). Sibling Relationships in Early Childhood. *Child Development, 54*(4), 787-811. doi: 10.2307/1129886
- Dunn, J. (2007). Siblings and socialization. In J. Grusec, & P. Hastings (Eds.), *Handbook of socialization: Theory and research* (pp. 309-327). New York: The Guilford Press.
- Ebenuwa-Okoh, E. E., & Obiunu, J. J. (2011). Relationship between dimensions of sibling

- abuse and personality development. *Pakistan Journal of Social Sciences*, 8(2), 90-93. doi: 10.3923/pjssci.2011.90.93
- Eriksen, S., & Jensen, V. (2006). All in the family? Family environment factors in sibling violence. *Journal of Family Violence*, 21, 497-507. doi: 10.1007/s10896-006-9048-9
- Eriksen, S., & Jensen, V. (2009). A push or a punch: Distinguishing the severity of sibling violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 24(1), 183-208. doi: 10.1177/0886260508316298
- Faber, A., & Mazlish, E. (1995). *Jalousies et rivalités entre frères et sœurs*. Paris: Éditions Stock.
- Felson, R. B. (1983). Aggression and violence between siblings. *Social Psychology Quarterly*, 46(4), 271–285. doi: 10.2307/3033715
- Fernandes, O. M. (2002). *Semelhanças e diferenças entre irmãos*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Fernandes, O. M. (2005). *Ser único ou ser irmão: As relações entre irmãos nas famílias actuais*. Cruz Quebrada: Oficina do Livro.
- Finkelhor, D., Turner, H., & Ormrod, R. (2006). Kid's stuff: The nature and impact of peer and sibling violence on younger and older children. *Child Abuse & Neglect*, 30(12), 1401-1421. doi: 10.1016/j.chiabu.2006.06.006
- Foote, R. C., & Holmes-Lonergan, H. A. (2003). Sibling conflict and theory of mind. *British Journal of Developmental Psychology*, 21(1), 45-58. doi: 10.1348/026151003321164618
- Goldsmid, R., & Féres-Carneiro, T. (2007). A função fraterna e as vicissitudes de se ter e ser um irmão. *Psicologia em Revista*, 13(2), 293-308.

- Goodwin, M. P., & Roscoe, B. (1990). Sibling violence and agnostic interactions among middle adolescents. *Adolescence*, *25*, 451-467.
- Graham-Bermann, S. A., Cutler, S. E., Litzenberger, B. W., & Schartz, W. E. (1994). Perceived conflict and violence in childhood sibling relationships and later emotional adjustment. *Journal of Family Psychology*, *8*(1), 85-97. doi: 10.1037/0893-3200.8.1.85
- Hardy, M. S. (2001). Physical aggression and sexual behavior among siblings: A retrospective study. *Journal of Family Violence*, *16*(3), 255-268. doi: 10.1023/A:1011186215874
- Hardy, M. S., Beers, B., Burgess, C., & Taylor, A. (2010). Personal experience and perceived acceptability of sibling aggression. *Journal of Family Violence*, *25*(1), 65-71. doi: 10.1007/s10896-009-9270-3
- Hoffman, K. L., & Edwards, J. N. (2004). An integrated theoretical model of sibling violence and abuse. *Journal of Family Violence*, *19*(3), 185-197. doi: 10.1023/B:JOFV.0000028078.71745.a2
- Hotaling, G. T., Straus, M. A., & Lincoln, A. J. (1990). Intrafamily violence and crime and violence outside the family. In M. S., Straus, & R. J., Gelles (Eds.), *Physical violence in American families: Risk factors and adaptations to violence in 8,145 families* (pp. 431-470). New Brunswick: Transaction Publishers.
- Howe, N., Aquan-Assee, J., Bukowski, W. M., Lehoux, P. M., & Rinaldi, C. M. (2001). Siblings as confidants: Emotional understanding, relationship warmth, and sibling self-disclosure. *Social Development*, *10*(4), 439-454. doi: 10.1111/1467-9507.00174
- Kettrey, H., & Emery, B. C. (2006). The discourse of sibling violence. *Journal of Family Violence*, *21*(6), 407-416. doi:10.1007/s10896-006-9036-0

- Khan, R., & Cooke, D. J. (2008). Risk factors for severe intersibling violence: A preliminary study of a youth forensic sample. *Journal of Interpersonal Violence*, 23(11), 1513-1530. doi: 10.1177/0886260508314312
- Khan, R., & Rogers, P. (2014). The normalization of sibling violence: Does gender and personal experience of violence influence perceptions of physical assault against siblings? *Journal of Interpersonal Violence*, 1-22. doi: 10.1177/0886260514535095
- Kiselica, M. S., & Morrill-Richards, M. (2007). Sibling maltreatment: The forgotten abuse. *Journal of Counseling & Development*, 85(2), 148–160. doi: 10.1002/j.1556-6678.2007.tb00457.x
- Linares, L. O. (2006). An understudied form of intra-family violence: Sibling-to-sibling aggression among foster children. *Aggression and Violent Behavior*, 11(1), 95-109. doi: 10.1016/j.avb.2005.07.001
- Magalhães, T. (2010). *Violência e abuso*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística: Com utilização do SPSS* (3.^a ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Michalski, R. L., & Euler, H. A. (2008). Evolutionary perspectives on sibling relationships. In C. A. Salmon, & T. K. Shackelford (Eds.), *Family relationships: An evolutionary perspective* (pp. 185-204). New York: Oxford University Press.
- Miller, L. E., Grabell, A., Thomas, A., Bermann, E., & Graham-Bermann, S. A. (2012). The associations between community violence, television violence, intimate partner violence, parent-child aggression, and aggression in sibling relationships of a sample of preschoolers. *Psychology of Violence*, 2(2), 165-178. doi: 10.1037/a0027254

- Minuchin, S. (1990). *Famílias: Funcionamento e Tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Noland, V. J., Liller, K. D., McDermott, R. J., Coulter, M. L., & Seraphine, A. E. (2004). Is adolescent sibling violence a precursor to college dating violence? *American Journal of Health Behavior*, 28(1), S13-23.
- Omer, H., Schorr-Sapir, I., & Weinblatt, U. (2008). Non-violent resistance and violence against siblings. *Journal of Family Therapy*, 30(4), 450-464. doi:10.1111/j.1467-6427.2008.00441.x
- Ostrov, J. M., Crick, N. R., & Stauffacher, K. (2006). Relational aggression in sibling and peer relationships during early childhood. *Applied Developmental Psychology*, 27, 241-253.
- Relva, I. C. Fernandes, O. M., & Alarcão, M. (2012a). Violência entre irmãos: Uma realidade desconhecida. *Revista Interamericana de Psicologia*, 46(3), 205-214.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., & Costa, R. (2013). Psychometric properties of Revised Conflict Tactics Scales: Portuguese sibling version (CTS2-SP). *Journal of Family Violence*, 28(6), 577-585. doi: 10.1007/s10896-013-9530-0
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., & Mota, C. P. (2012b). An exploration of sibling violence predictors. *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research*, 5(1), 46-62. doi: 10.1108/17596591311290740
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Martins A. (2014). Estudo exploratório da violência entre irmãos em Portugal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(2), 398-408. doi: 10.1590/1678-7153.201427221
- Silveira, M. L. C. S. (2009). Da rivalidade ao amor: Irmãos para sempre. *Investigação*, 9(1), 33-44.

- Simonelli, C. J. Mullis, T. Elliot, A. N., & Pierce, T. W. (2002). Abuse by siblings and subsequent experiences of violence within the dating relationship. *Journal of Interpersonal Violence, 17*(2), 103-121. doi: 10.1177/0886260502017002001
- Steinmetz, S. K. (1977). *The cycle of violence: Assertive, aggressive, and abusive family interaction*. New York: Praeger.
- Straus, M. A. (1979). Measuring intrafamily conflict and violence: The Conflict Tactics Scales. *Journal of Marriage and the Family, 41*(1), 75–88.
- Straus, M. A. (1990). The Conflict Tactics Scales and its critics: An evaluation and new data on validity and reability. In M. A. Straus, & R. J. Gelles (Eds.), *Physical violence in American families: Risk factors and adaptations to violence in 8,145 families* (pp. 49-73). New Brunswick: Transaction Publishers.
- Straus, M. A. (2007). Conflict Tactics Scales. In N. A. Jackson (Ed.), *Encyclopedia of domestic violence* (pp. 190–197). New York: Routledge, Taylor & Francis Group.
- Straus, M. A., Gelles, R. J., & Steinmetz, S. K. (1980). *Behind closed doors: Violence in the American family*. Garden City: Anchor Books.
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues, 17*, 283-316. doi: 10.1177/019251396017003001
- Toman, W. (1995). *Family therapy and sibling position* (2nd ed.). New Jersey: Jason Aronson.
- Viejo, C., Sánchez, V., & Ortega-Ruiz, R. (2014). Violencia física en la pareja adolescente: La potencialidad interpretativa de un modelo bifactorial (resumen). *Anales de Psicología, 30*(1). doi: 10.6018/analesps.30.1.141341
- Wallace, H. (2007). Sibling abuse. In N. A. Jackson (Ed.), *Encyclopedia of domestic*

violence (pp. 636-638). New York: Taylor & Francis Group.

Wiehe, V. R. (1998). Sibling violence. In V. R. Wiehe (Ed.), *Understanding family violence: Treating and preventing partner, child, sibling, and elder abuse* (pp. 167-217). Kentucky: SAGE Publications.

Wiehe, V. R. (2000). Sibling abuse. In H. Henderson (Ed.), *Domestic violence and child abuse resource sourcebook* (pp. 409-492). Detroit: Omnigraphies.

ARTIGO 2: Psicopatologia e violência entre irmãos numa amostra de adolescentes
portugueses

Psicopatologia e violência entre irmãos numa amostra de adolescentes portugueses

Psychopathology and sibling violence in a sample of Portuguese adolescents

Patrícia Pereira Lopes, Otilia Monteiro Fernandes & Inês Carvalho Relva

Resumo

A violência fraterna parece afetar o bem-estar psicológico dos adolescentes, tornando-os suscetíveis ao desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica. Este estudo pretendeu analisar em que medida as táticas de resolução de conflito se correlacionam com a sintomatologia psicopatológica; verificar em que medida a sintomatologia psicopatológica varia em função da idade, do género e do tipo de fratria; e analisar se as táticas de resolução de conflito exercem um efeito preditor na sintomatologia psicopatológica, utilizando uma amostra de 463 adolescentes com irmãos. Os instrumentos utilizados foram as *Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version* (CTS2-SP) e o *Brief Symptom Inventory* (BSI). Efetuaram-se correlações de *Pearson* interescares, análises de variância multivariada (MANOVAS), recorreu-se ao teste *t* e realizaram-se regressões múltiplas hierárquicas. Os resultados demonstraram que a violência fraterna está associada à psicopatologia, sendo o género feminino, os adolescentes mais velhos (17-20 anos) e as díades femininas e mistas (masculino/feminino) os mais vulneráveis ao despoletar de sintomatologia psicopatológica. Verificou-se, também, que a perpetração de violência psicológica é o único tipo de violência que prediz, positivamente, a sintomatologia psicopatológica avaliada. Neste sentido, torna-se importante não desvalorizar a violência fraterna, pois, além de prejudicar vários aspetos de vida dos sujeitos, afeta a sua saúde mental.

Palavras-chave: Violência, irmãos, adolescentes, psicopatologia.

Abstract

Sibling violence seems to affect psychological well-being of adolescents, making them susceptible to the development of psychopathological symptomatology. This study intended to examine in which form the tactics of conflict resolution are correlated with psychopathological symptomatology; verify the extent to which psychopathological symptomatology varies depending on age, gender and type of phratry; and to analyse whether the tactics of conflict resolution exert a predictor effect on psychopathological symptomatology, using a sample of 463 adolescents with siblings. The instruments used were the Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version (CTS2-SP) and the Brief Symptom Inventory (BSI). We carried out intrascalar Pearson correlations, multivariate analyses of variance (MANOVA), we used the *t* test and we performed hierarchical multiple regressions. The results showed that sibling violence is associated with psychopathology, being female gender, older adolescents (17-20 years old) and female and mixed dyads (male/female) the most vulnerable to the triggering of psychopathological symptomatology. We also found that the perpetration of psychological aggression is the only type of violence that predicts, positively, the evaluated psychopathological symptomatology. In this sense, it becomes important not to devalue the sibling violence, because, in addition to affecting some life aspects of individuals, it harms their mental health.

Keywords: Violence, siblings, adolescents, psychopathology.

Introdução

As relações fraternas

Adler (1984) foi o primeiro autor a enfatizar a importância das relações fraternas, caracterizando-as, tal como Minuchin (1990), como o primeiro laboratório social, através do qual os irmãos estabelecem as suas primeiras relações horizontais, proporcionando uma preparação para a adaptação ao contexto social. De acordo com Dunn (1983), a relação fraterna é formada e fortalecida na infância, sendo este o período em que os irmãos passam mais tempo juntos, influenciando-se de forma recíproca e determinante. Já na fase da adolescência, a fratria passa por grandes transformações e vivencia algum distanciamento, uma vez que os jovens saem de casa e criam novas relações extrafamiliares, nomeadamente com os pares ou com as figuras amorosas. No entanto, na idade adulta, e sobretudo na velhice, depois de os filhos saírem de casa e/ou dos sujeitos ficarem viúvos, os irmãos voltam a reencontrar-se, podendo constituir-se como os principais amigos e suporte nessa fase da vida.

A fratria permite a partilha de vivências, afeto, apoio, orientação e proteção mútua, bem como possibilita o desenvolvimento de uma amizade íntima (Fernandes, 2005). Button e Gealt (2010) indicam, também, que relações saudáveis entre irmãos propiciam o crescimento das habilidades sociais, cognitivas e emocionais, que conduzem a resultados positivos e saudáveis.

Volling (2003), no entanto, defende que as relações fraternas podem favorecer ou condicionar o desenvolvimento emocional e social dos sujeitos, tanto no período da infância, como na adolescência. Fernandes, em 2002, esclarece que, de facto, além dos sentimentos positivos que existem entre irmãos, pode, também, surgir um grande potencial destrutivo nessa mesma relação de profunda intimidade. Neste sentido, quando as

interações entre irmãos são regidas por conflitos, sendo pautadas por uma interação negativa, podem suscitar a manifestação de comportamentos desadaptativos ou, mesmo, violentos (Goldsmid & Féres-Carneiro, 2007).

Violência entre irmãos

Os primeiros estudos realizados nos EUA, sobre a violência fraterna, apontaram para uma elevada prevalência da mesma (Steinmetz, 1977; Straus, Gelles, & Steinmetz, 1980). Em Portugal, a primeira investigação centrada nesta temática, encontrou dados análogos (Relva, Fernandes, Alarcão, & Martins, 2014), o que indica que a violência entre irmãos parece ser a forma mais comum de violência intrafamiliar (Finkelhor, Turner, & Ormrod, 2006), embora seja encarada como “normal” e aceite no seio da família (Simonelli, Mullis, Elliot, & Pierce, 2002).

O excesso de tolerância que existe para com o conflito entre irmãos pode acarretar resultados devastadores, pois o facto de os pais tenderem a aceitar o clima de disputa entre os filhos ou a omitir a proteção do mais fraco, favorece o aumento da rivalidade fraterna (Caffaro & Conn-Caffaro, 2005). A exposição à violência (Relva, Fernandes, & Mota, 2012b), bem como a ausência de disponibilidade, a falta de supervisão e/ou o tratamento parental diferenciado estão, também, frequentemente associados à violência entre irmãos (Wiehe, 1997). Segundo Houston (2012), crianças e adolescentes que assistem a episódios violentos, tendem a encarar a violência como um comportamento concebível, passando a utilizá-la como meio de resolução de conflitos.

Relva, Fernandes e Alarcão (2012a) indicam, por outro lado, que parecem existir algumas ambiguidades no que respeita à delimitação dos comportamentos “normais” e dos comportamentos desadequados entre irmãos, o que dificulta a distinção entre as interações fraternas abusivas e as não abusivas. Essas autoras referem, ainda, que o que também gera

alguma confusão, dificultando a definição do que é, realmente, a violência, é o facto de diferentes termos (abuso, agressão, violência, conflito, rivalidade) serem utilizados aleatoriamente para determinar os mesmos comportamentos. Uma das medidas que nos pode servir para distinguir rivalidade de violência é, como diz Straus (2007), pela reiteração do comportamento: é violência quando ocorre um padrão intencional e repetido de atos, físicos e/ou psicológicos, violentos sobre um irmão, que acarretem sofrimento para o mesmo.

Na fase da adolescência, os jovens são fisicamente capazes de infligir lesões graves, adotando comportamentos negativos como tentativas para resolver conflitos, bem como têm, frequentemente, diferenças de força física, são-lhes dadas responsabilidades, uns sobre os outros, e passam um tempo considerável juntos, sem supervisão (Roscoe, Goodwin, & Kennedy, 1987). De acordo com Hoffman e Edwards (2004), estas condições proporcionam uma oportunidade para uma interação abusiva, e até mesmo violenta, entre os irmãos. Button e Gealt (2010) constataram que 42% da sua amostra de adolescentes experienciou algum tipo de violência fraterna, no mês anterior à pesquisa. Contudo, enquanto alguns autores encontram altas taxas de violência fraterna na adolescência, outros verificam que ocorre mais violência antes dos 13 anos de idade. Relva et al. (2014), por exemplo, constatou que a partir do início da adolescência, a violência tende a decrescer, possivelmente, devido à aquisição de melhores competências de linguagem, permitindo que os sujeitos optem por usar a argumentação, ao invés de agir impulsivamente perante um conflito, isto é, ao adquirirem maturidade, aprendem a melhor controlar os seus atos.

Quando a fratria é constituída por irmãos adolescentes, os principais motivos dos seus conflitos são a demarcação do território (geralmente, o quarto do adolescente) e o uso de objetos pessoais, sem um pedido de autorização prévio (Goldsmid & Féres-Carneiro,

2007). Contudo, Kiselica e Morrill-Richards (2007) esclarecem que entre os 9 e os 13 anos de idade, a violência é mais utilizada para definir fronteiras físicas, enquanto os adolescentes, com idades superiores a 14 anos, a usam para lidar com conflitos acerca da responsabilidade e das obrigações sociais. Além disso, os adolescentes sentem necessidade de exercer poder e intimidação sobre os outros, bem como são particularmente sensíveis em relação à sua aparência e às suas ações, tornando-se extremamente suscetíveis a insultos verbais e provocações (Graham, 2004). As disputas diárias entre irmãos não significam, no entanto, que existam conflitos negativos entre si, pois a violência fraterna apenas surge quando os conflitos se transformam em atos repetidos e intencionais, sendo considerados, então, disputas patológicas (Rapoza, Cook, Zaveri, & Malley-Morrison, 2010).

Psicopatologia na adolescência

O número de estudos que investiga a relação entre a violência e os problemas mentais tem vindo a aumentar, constatando-se que a violência entre irmãos afeta o bem-estar psicológico, tanto dos sujeitos vítimas, como dos perpetradores (Shadik, Perkins, & Kovacs, 2013; Whipple & Finton, 1995). No entanto, Duarte, Bordin, Green e Hoven (2009) referem que a maioria das investigações tende a centrar-se em acontecimentos ou problemas mentais específicos, ao invés de realizar uma avaliação abrangente da psicopatologia.

As alterações biopsicossociais que ocorrem na fase da adolescência (Bromley, Johnson, & Cohen, 2006), bem como determinadas variáveis ambientais, tornam os adolescentes mais vulneráveis ao desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica (Maia & Williams, 2005). Finkelhor e colaboradores (2006) defendem que a violência física e a violência psicológica têm uma associação muito forte com a psicopatologia, causando efeitos devastadores nos sujeitos, com repercussões ao nível familiar, escolar e

social. Um estudo de Miller-Perrin, Perrin e Kocur (2009), demonstrou, no entanto, que o único preditor de sintomatologia psicopatológica é a violência psicológica. No que respeita aos irmãos, Relva et al. (2014) indicam que a violência entre estes produz, do mesmo modo, graves consequências em variados aspetos da sua vida, inclusive na idade adulta (Tucker, Finkelhor, Turner, & Shattuck, 2013).

Na fase da adolescência, a violência fraterna conduz ao despoletar de sintomatologia psicopatológica (Tucker, Gundy, Wiesen-Martin, Sharp, Rebellon, & Stracuzzi, 2014), que tende a manifestar-se através de perturbações de internalização (Stocker, Burwell, & Briggs, 2002) e de externalização (Garcia, Shaw, Winslow, & Yaggi, 2000). Segundo Button e Gealt (2010), as primeiras referem-se a alterações emocionais e de humor, como sendo a tristeza, o isolamento social ou a inibição, enquanto as perturbações de externalização dizem respeito a condutas disfuncionais, quer para o próprio sujeito, quer para os outros.

Assis, Avanci, Pesce e Ximenes (2009) acrescentam que os problemas de internalização tendem a estar mais presentes no género feminino e costumam aumentar com a idade, já os problemas de externalização encontram-se, maioritariamente, no género masculino, tendendo a diminuir com o avanço da idade. Já anteriormente, Kettrey e Emery (2006) tinham verificado que é o género feminino que apresenta maior prevalência de perturbações de internalização, como ansiedade e depressão, enquanto o género masculino revela mais perturbações de externalização, referentes a problemas de comportamento. Mais recentemente, Lemos (2010), num estudo com 628 jovens com idades entre os 12 e os 19 anos, concluiu que existe uma maior vulnerabilidade do género feminino e dos jovens mais velhos para desenvolver psicopatologia.

Lidar com experiências negativas, que tenham uma elevada carga emocional, pode ser muito prejudicial para os adolescentes (Morril-Richards & Leierer, 2010), sendo que é ameaçada a sua integridade física e psicológica (Lai, 1999), além de conduzir, de acordo com Reichenheim, Hasselmann e Moraes (1999), a problemas comportamentais e de saúde mais graves no futuro. Neste sentido, os sujeitos podem desenvolver depressão (Stocker et al., 2002), ansiedade, comportamento disruptivo (Peltonen, Qouta, Sarraj, & Punamäki, 2010), abuso de álcool (Button & Gealt, 2010), comportamentos antissociais (Natsuaky, Ge, Reiss, & Neiderhiser, 2009), perturbações alimentares (Wiehe, 1997), baixa competência social e criminalidade (Haj-Yahia & Dawud-Noursi, 1998).

Do mesmo modo, Criss e Shaw (2005) sugerem que irmãos, vítimas de violência fraterna, apresentam baixa autoestima e tendem a envolver-se, com mais frequência, em comportamentos delinquentes e *bullying*. Verificam-se, ainda, consequências como o medo, a apatia, a confusão, a instabilidade emocional e a agressividade (Kiselica & Morrill-Richards, 2007). Bordin, Paula, Nascimento e Duarte (2006) indicam, também, que os adolescentes que têm, ou tiveram, um relacionamento fraterno pautado por atos violentos, tendem a apresentar insegurança, sentimentos de incompetência e problemas de conduta, bem como demonstram dificuldade em estabelecer e manter relacionamentos íntimos.

A dinâmica familiar é essencial para a preservação da saúde mental (Assis et al., 2009). Estes autores verificaram que os adolescentes que são expostos a situações de violência intrafamiliar mostram-se duas vezes mais propensos a apresentar problemas psicológicos. Caffaro e Conn-Caffaro (1998) indicam, assim, que quando as experiências de violência ganham magnitude, podem causar graves consequências na saúde mental. No entanto, Avanci, Assis, Oliveira e Pires (2009) chamam a atenção para o facto de que, apesar de a violência prejudicar o desenvolvimento dos adolescentes, nem todos

desenvolvem psicopatologia. Isto prova mais uma vez que interpretações causais sobre o comportamento humano são difíceis de estabelecer, até porque existem inúmeros fatores (como a resiliência e uma vinculação segura), que podem, felizmente, reverter alguns danos causados no passado de cada um de nós.

Mas mesmo cientes deste facto, e não havendo estudos portugueses sobre esta temática, ou havendo poucos, quisemos pesquisar sobre a relação entre a psicopatologia e a violência entre irmãos: será que estes dois problemas estão associados? Este estudo pretende, então: (a) analisar em que medida as táticas de resolução de conflito se correlacionam com a sintomatologia psicopatológica; (b) verificar em que medida a sintomatologia psicopatológica varia em função da idade, do género e do tipo de fratria; e (c) analisar em que medida as táticas de resolução de conflito exercem um efeito preditor na sintomatologia psicopatológica.

Método

A presente investigação corresponde a um estudo quantitativo, visto ser fundamentada em dados de natureza numérica, nomeadamente instrumentos de autorrelato. Apresenta, também, um carácter transversal, na medida em que os dados foram recolhidos num único momento, e tem um carácter exploratório, dado que existem escassas investigações onde se analisam as variáveis presentes nesta pesquisa.

Participantes

A amostra foi constituída por 463 adolescentes com irmãos. A idade dos participantes variou entre os 14 e os 20 anos ($M=16.26$; $DP=1.17$) e mais de metade (63.1%) era do género feminino. Relativamente à escolaridade, os adolescentes frequentavam o ensino secundário, sendo que 173 (37.4%) se encontravam no 10.º ano, 121 (26.1%) estudavam no 11.º ano e 169 (36.5%) frequentavam o 12.º ano. No que concerne

ao número de irmãos, a maioria (69.5%) tinha somente um irmão, enquanto 22.7% tinha dois, 5% tinha três irmãos, 1.1% tinha quatro, 0.9% tinha cinco e 0.8% tinha seis irmãos ou mais. Mesmo tendo mais do que um irmão, os participantes foram inquiridos somente sobre um dos irmãos, o mais próximo em idade. No que respeita ao tipo de fratria, 17.7% dos adolescentes constituíram o grupo masculino/masculino, 19.4% masculino/feminino, 31.1% feminino/feminino e 31.7% feminino/masculino (sendo que o primeiro corresponde ao sujeito inquirido e o segundo ao/à irmão/irmã ao/à qual se refere).

Instrumentos

Questionário sociobiográfico (QSB)

O QSB é um questionário baseado no *Social Environment Questionnaire* (SEQ), de Toman (1993), adaptado para esta investigação por Fernandes e Relva (2013). O questionário inquire o sujeito acerca da sua condição (género, idade, naturalidade, ano de escolaridade, doenças, hospitalizações), bem como acerca da sua fratria (número de irmãos, tipo, género, idade, doenças ou deficiências) e dos seus pais (idade, estatuto socioeconómico, estado civil).

The Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version (CTS2-SP)

As CTS2-SP, de Straus, Hamby, Boney-McCoy e Sugarman (1996), adaptadas por Relva, Fernandes e Costa (2013), constituem uma escala para medir as táticas de resolução de conflito entre irmãos, na perspetiva dos participantes. Estes são instruídos a referir-se ao ano transato, conforme uma das sugestões dos autores originais. Nos casos em que há mais do que um irmão envolvido, os participantes são instruídos a responder acerca do irmão mais próximo em idade. As questões das CTS2-SP estão organizadas em pares de relacionamento, sendo que cada item é apresentado duas vezes, uma sobre os atos do sujeito para com o irmão (perpetração), e outra sobre os atos do irmão para com o sujeito

(vitimização). A escala de respostas, tipo *Likert*, reflete a frequência de cada comportamento num determinado período de tempo, variando entre (0) “isso nunca aconteceu”; (1) “uma vez no ano”; (2) “duas vezes no ano”; (3) “3 a 5 vezes no ano”; (4) “6 a 10 vezes no ano”; (5) “11 a 20 vezes no ano”; (6) “mais de 20 vezes no ano”; e (7) “não no ano passado, mas aconteceu antes ou depois”.

As CTS2-SP são compostas por 78 itens, agrupados em cinco subescalas: (1) negociação, (2) agressão psicológica, (3) abuso físico sem sequelas, (4) abuso físico com sequelas, e (5) coerção sexual, esta excluída do presente estudo, por ser uma componente muito particular e sensível para a amostra de adolescentes, requerendo autorizações e cuidados extra na investigação de matérias tão íntimas. No que respeita à consistência interna, o valor da escala geral mostrou-se adequado (α de *Cronbach*=.92). Relativamente às subescalas, os valores de confiabilidade, para a perpetração, foram de .78 para a negociação; .74 para a agressão psicológica; .80 para o abuso físico sem sequelas; e .62 para o abuso físico com sequelas. Para a vitimização, os valores foram de .79 para a negociação; .74 para a agressão psicológica; .79 para o abuso físico sem sequelas; e .61 para o abuso físico com sequelas. No que concerne às análises factoriais confirmatórias, para a vertente perpetração das CTS2-SP, confirma-se o ajustamento dos valores, sendo $\chi^2(202)=513.734$; $p=.001$; *Ratio*=2.543; CFI=.905; RMR=.047 e RMSEA=.058. Quanto à vitimização, os valores encontram-se, igualmente, ajustados, sendo $\chi^2(202)=509.783$; $p=.001$; *Ratio*=2.523; CFI=.905; RMR=.049 e RMSEA=.047.

Brief Symptom Inventory (BSI)

O Inventário de Sintomas Psicopatológicos, desenvolvido por Derogatis (1982), foi traduzido e adaptado para a população portuguesa por Canavarro (1999) e constitui uma versão abreviada do SCL-90 (*Symptom Checklist – 90*). Este inventário tem como objetivo

avaliar sintomas psicopatológicos através de nove dimensões de sintomatologia (somatização, obsessões-compulsões, sensibilidade interpessoal, depressão, ansiedade, hostilidade, ansiedade fóbica, ideação paranoide e psicoticismo) e de três índices globais (índice geral de sintomas, índice de sintomas positivos e total de sintomas positivos). Do ponto de vista clínico, a análise das pontuações obtidas nas nove dimensões fornece informação sobre o tipo de sintomatologia que mais preponderantemente perturba o indivíduo, enquanto a leitura dos índices globais permite avaliar, de forma geral, o nível de sintomatologia psicopatológica apresentado.

Este inventário de autorresposta é constituído por 53 itens, onde os sujeitos classificam o grau com que cada problema os afetou na última semana, numa escala de respostas, tipo *Likert*, que varia entre (0) “nunca”; (1) “poucas vezes”; (2) “algumas vezes”; (3) “muitas vezes”; e (4) “muitíssimas vezes”. No que concerne à confiabilidade, o valor da escala geral é bom (α de *Cronbach*=.96). Quanto às subescalas, os valores da consistência interna foram de .81 para a somatização; .77 para as obsessões-compulsões; .83 para a sensibilidade interpessoal; .88 para a depressão; .78 para a ansiedade; .81 para a hostilidade; .74 para a ansiedade fóbica; .77 para a ideação paranoide; e .73 para o psicoticismo. Relativamente às análises factoriais confirmatórias, para o presente instrumento confirma-se o ajustamento dos valores, sendo $\chi^2(288)=948.677$; $p=.001$; *Ratio*=3.294; *CFI*=.917; *RMR*=.05 e *RMSEA*=.07.

Procedimento

Num primeiro momento foi realizada a seleção das variáveis a estudar e dos participantes, bem como foi efetuada uma pesquisa bibliográfica, através de livros e artigos científicos, recolhidos nas bases de dados da EBSCO, da *b-on* e do Google Académico. Após a seleção dos instrumentos a ser utilizados, solicitou-se a autorização dos autores para

o uso dos mesmos, assim como a cedência dos artigos de validação. Posteriormente foi efetuado um contacto com cinco escolas do ensino secundário do Norte de Portugal, visando obter as devidas autorizações. Depois da obtenção dos compromissos institucionais, oficializados através de um documento escrito, foi entregue um pedido de autorização aos encarregados de educação dos adolescentes.

A administração dos instrumentos decorreu em sala de aula, em contexto grupal (turmas de vinte a vinte e cinco alunos, dispostos em secretárias, de dois a dois), durante aproximadamente 30 minutos. Apresentaram-se os objetivos gerais do estudo, fornecendo as instruções necessárias para o preenchimento dos questionários e evidenciando a participação voluntária, bem como a confidencialidade e o anonimato das respostas. Apenas uma vez, devido às atividades letivas dos adolescentes, numa das escolas, a aplicação dos questionários decorreu em contexto individual, em horário pós-laboral. Assim, os questionários foram entregues aos diretores de turma, que se responsabilizaram por entregar e explicar os procedimentos, de acordo com as informações fornecidas pela investigadora. Os adolescentes preencheram os questionários em casa e voltaram a entregá-los aos diretores de turma, que os cederam, depois, à investigadora.

Resultados

Análises estatísticas

Para o tratamento dos dados foi realizada uma codificação dos instrumentos e construída uma base de dados com recurso ao programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences – IBM SPSS*, versão 20.0, e para a realização das propriedades psicométricas dos instrumentos recorreu-se ao programa *Structural Equation Modeling Software – EQS for Windows*, versão 6.1.

Primeiramente foram analisados todos os questionários, visando excluir aqueles que estavam incompletos ou perceptivelmente preenchidos ao acaso. De seguida, efetuou-se uma limpeza da amostra, identificando possíveis *missings* e *outliers* prejudiciais ao estudo, sendo que a análise dos *outliers* se efetuou com recurso à determinação de *Zscores* e da distância de *Mahalanobis*. Este procedimento implicou, também, a exclusão de alguns sujeitos da amostra. Posto isto, testou-se a normalidade da amostra, tendo por base o processo de inferência estatística da distribuição normal ou de *Gauss*. Quando os valores de *Skeweness* e *Kurtosis* se situam entre -1 e 1, a normalidade é assegurada, permitindo o recurso a testes paramétricos. No entanto, o recurso a estes testes também é assegurado pelo tamanho da amostra, pois à medida que o tamanho da amostra aumenta, a distribuição das médias amostrais tende a seguir uma distribuição normal. Maroco (2007) refere que em amostras grandes (superiores a 30) a distribuição da média amostral segue uma distribuição normal, logo, na presente investigação tornou-se passível recorrer a testes paramétricos.

Seguidamente procedeu-se à construção das dimensões que compõem cada instrumento, realizando, depois, as suas análises psicométricas através do *alpha de Cronbach* e das análises factoriais confirmatórias, com o objetivo de confirmar se os itens dos instrumentos correspondiam às dimensões propostas pelos autores originais. No que respeita à análise dos dados, realizaram-se correlações de *Pearson* interescares, visando determinar o grau de associação entre as diferentes táticas de resolução de conflito e a sintomatologia psicopatológica; efetuaram-se análises de variância multivariada (MANOVAS), com o intuito de avaliar diferenças significativas entre a sintomatologia psicopatológica e a idade, o género e o tipo de fratria, e realizaram-se testes *post-hoc* para as múltiplas comparações, recorrendo-se ao teste de *Scheffé*; recorreu-se, também, ao teste *t* para verificar as análises diferenciais entre o género e a sintomatologia psicopatológica. Por

fim, procedeu-se à realização de uma regressão múltipla hierárquica, objetivando verificar a predição da sintomatologia psicopatológica em função do género e das táticas de resolução de conflito. Para esta última análise, tornou-se necessário codificar a variável género como variável *dummy*, atribuindo o valor *zero* ao género feminino e o valor *um* ao género masculino. A codificação *dummy* representa a comparação do efeito entre os grupos, visando explicar a variação do modelo face às variáveis dependentes (Field, 2009).

Análises inferenciais

Associação entre as táticas de resolução de conflito e a sintomatologia psicopatológica

Relativamente à perpetração (Tabela 1), verificaram-se correlações significativas positivas, ainda que baixas, entre a **agressão psicológica** e toda a **sintomatologia psicopatológica** investigada ($.146 < r < .366$), bem como entre o **abuso físico sem sequelas** e toda a **sintomatologia psicopatológica** ($.106 < r < .247$). Encontraram-se, igualmente, correlações significativas positivas baixas do **abuso físico com sequelas** com a **somatização** ($r = .116$; $p \leq .05$), a **hostilidade** ($r = .129$; $p \leq .01$) e a **ansiedade** ($r = .101$; $p \leq .01$).

Tabela 1. Correlações de Pearson entre a perpetração das dimensões das CTS2-SP e as dimensões do BSI

BSI/CTS2-SP	Negociação	Agressão psicológica	Abuso físico sem sequelas	Abuso físico com sequelas
Somatização	-.052	.191**	.161**	.116*
Obsessões-compulsões	-.045	.248**	.144**	.060
Sensibilidade interpessoal	-.016	.228**	.106*	.022
Depressão	-.018	.235**	.119*	.040
Ansiedade	.016	.270**	.181**	.088
Hostilidade	-.086	.366**	.247**	.129**
Ansiedade fóbica	-.015	.146**	.126**	.101*
Ideação paranoide	.007	.270**	.171**	.052
Psicoticismo	-.045	.247**	.136**	.016

Nota: * $p \leq .05$; ** $p \leq .01$; BSI = *Brief Symptom Inventory*; CTS2-SP = *Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version (Portuguese)*

No que concerne à vitimização (Tabela 2), os resultados apontaram, também, para associações significativas positivas baixas da **agressão psicológica** com toda a **sintomatologia psicopatológica** (.161 < r < .341), assim como do **abuso físico sem sequelas** com toda a **sintomatologia psicopatológica** (.120 < r < .244). Verificaram-se, do mesmo modo, associações significativas positivas baixas do **abuso físico com sequelas** com a **somatização** (r = .128; p ≤ .01), a **depressão** (r = .109; p ≤ .05), a **ansiedade** (r = .135; p ≤ .01), a **hostilidade** (r = .188; p ≤ .01) e a **ansiedade fóbica** (r = .109; p ≤ .05).

Tabela 2. Correlações de Pearson entre a vitimização das dimensões das CTS2-SP e as dimensões do BSI

BSI ^{CTS2-SP}	Negociação	Agressão psicológica	Abuso físico sem sequelas	Abuso físico com sequelas
Somatização	-.052	.202**	.161**	.128**
Obsessões-compulsões	-.029	.245**	.134**	.064
Sensibilidade interpessoal	-.005	.235**	.120**	.082
Depressão	-.020	.238**	.150**	.109*
Ansiedade	.030	.263**	.175**	.135**
Hostilidade	-.075	.341**	.244**	.188**
Ansiedade fóbica	-.008	.161**	.146**	.109*
Ideação paranoide	.023	.255**	.165**	.105*
Psicoticismo	-.037	.233**	.152**	.074

Nota: * p ≤ .05; ** p ≤ .01; BSI = *Brief Symptom Inventory*; CTS2-SP = *Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version (Portuguese)*

Análises diferenciais

Diferença da sintomatologia psicopatológica em função da idade

No sentido de verificar até que ponto a sintomatologia psicopatológica varia em função da idade (Tabela 3), foram criados dois grupos de idade (dos 14 aos 16 anos e dos 17 aos 20 anos) e realizada uma análise de variância multivariada (MANOVA). De acordo com os resultados observados, verificou-se que existem diferenças significativas da

sintomatologia psicopatológica em função da **idade** [$F(9,453)=2.217$; $p=.020$; $\eta^2=.896$]. Destacaram-se, assim, diferenças significativas entre os grupos no que respeita à variável **ansiedade** [$F(1,461)=5.800$; $p=.016$; $\eta^2=.671$], com IC 95% [.68, .80], sendo que os adolescentes com idades compreendidas entre os 17 e os 20 anos ($M=.82$; $DP=.72$) apresentam uma média superior de ansiedade comparativamente com os adolescentes com idades entre os 14 e os 16 anos ($M=.67$; $DP=.61$). O mesmo sucedeu com a **hostilidade** [$F(1,461)=4.648$; $p=.032$; $\eta^2=.576$], com IC 95% [.93, 1.08], sendo que também os adolescentes com idades compreendidas entre os 17 e os 20 anos ($M=1.09$; $DP=.85$) apresentam uma média superior de hostilidade comparativamente com os adolescentes com idades entre os 14 e os 16 anos ($M=.93$; $DP=.77$). Encontraram-se, igualmente, diferenças significativas entre os grupos nas variáveis **ansiedade fóbica** [$F(1,461)=4.502$; $p=.034$; $\eta^2=.563$], com IC 95% [.38, .49] e **ideação paranoide** [$F(1,461)=4.990$; $p=.026$; $\eta^2=.606$], com IC 95% [1.07, 1.22], sendo que os adolescentes com idades compreendidas entre os 17 e os 20 anos ($M=.49$; $DP=.62$ e $M=1.23$; $DP=.79$, respetivamente) apresentam uma média superior de ansiedade fóbica e ideação paranoide comparativamente com os adolescentes com idades entre os 14 e os 16 anos ($M=.38$; $DP=.53$ e $M=1.06$; $DP=.84$, respetivamente).

Tabela 3. Diferença da sintomatologia psicopatológica em função da idade

BSI	Grupos de idade	<i>M±DP</i>	IC 95%	Direção das diferenças significativas
Somatização	1 – 14-16	.47±.55	[.47, .58]	n. s.
	2 – 17-20	.58±.60		
Obsessões-compulsões	1 – 14-16	1.05±.67	[1.02, 1.15]	n. s.
	2 – 17-20	1.12±.73		
Sensibilidade interpessoal	1 – 14-16	.92±.90	[.89, 1.06]	n. s.
	2 – 17-20	1.03±.90		
Depressão	1 – 14-16	.97±.88	[.93, 1.10]	n. s.
	2 – 17-20	1.06±.93		
Ansiedade	1 – 14-16	.67±.61	[.68, .80]	2>1
	2 – 17-20	.82±.72		
Hostilidade	1 – 14-16	.93±.77	[.93, 1.08]	2>1
	2 – 17-20	1.09±.85		
Ansiedade fóbica	1 – 14-16	.38±.53	[.38, .49]	2>1
	2 – 17-20	.49±.62		
Ideação paranoide	1 – 14-16	1.06±.84	[1.07, 1.22]	2>1
	2 – 17-20	1.23±.79		
Psicoticismo	1 – 14-16	.79±.75	[.74, .88]	n. s.
	2 – 17-20	.83±.75		

Nota: BSI = *Brief Symptom Inventory*; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão; IC_{95%} = Intervalo de Confiança a 95%

Diferença da sintomatologia psicopatológica em função do género

Para testar as diferenças da sintomatologia psicopatológica em função do género (Tabela 4) realizou-se uma análise mediante o teste *t*. Os resultados obtidos demonstraram que existem diferenças significativas da sintomatologia psicopatológica em função do **género** em todas as dimensões, nomeadamente na **somatização** [$t(421)=4.186$; $p=.001$], com IC 95% [.11, .31], nas **obsessões-compulsões** [$t(461)=3.668$; $p=.001$], com IC 95% [.11, .37], na **sensibilidade interpessoal** [$t(427)=5.490$; $p=.001$], com IC 95% [.28, .59], na **depressão** [$t(414)=5.548$; $p=.001$], com IC 95% [.28, .60], na **ansiedade** [$t(424)=6.002$; $p=.001$], com IC 95% [.23, .46], na **hostilidade** [$t(461)=2.478$; $p=.014$], com IC 95% [.04, .34], na **ansiedade fóbica** [$t(444)=4.882$; $p=.001$], com IC 95% [.14, .34], na **ideação paranoide** [$t(398)=5.480$; $p=.001$], com IC 95% [.26, .55] e no **psicoticismo**

[$t(418)=5.318$; $p=.001$], com IC 95% [.22, .48]. Neste sentido, verificou-se que os indivíduos do género feminino ($.51 < M < 1.29$; $.61 < DP < .95$) apresentam mais sintomatologia psicopatológica comparativamente com os indivíduos do género masculino ($.28 < M < .92$; $.44 < DP < .78$).

Tabela 4. *Diferença da sintomatologia psicopatológica em função do género*

BSI	Género	$M \pm DP$	IC 95%	Direção das diferenças significativas
Somatização	1 – Feminino	.60±.61	[.11, .31]	1>2
	2 – Masculino	.38±.48		
Obsessões-compulsões	1 – Feminino	1.17±.70	[.11, .37]	1>2
	2 – Masculino	.92±.68		
Sensibilidade interpessoal	1 – Feminino	1.13±.95	[.28, .59]	1>2
	2 – Masculino	.69±.73		
Depressão	1 – Feminino	1.17±.94	[1.17, .94]	1>2
	2 – Masculino	.73±.76		
Ansiedade	1 – Feminino	.86±.70	[.86, .70]	1>2
	2 – Masculino	.51±.54		
Hostilidade	1 – Feminino	1.07±.82	[1.07, .82]	1>2
	2 – Masculino	.88±.78		
Ansiedade fóbica	1 – Feminino	.52±.62	[.52, .62]	1>2
	2 – Masculino	.28±.44		
Ideação paranoide	1 – Feminino	1.29±.84	[1.29, .84]	1>2
	2 – Masculino	.88±.72		
Psicoticismo	1 – Feminino	.94±.78	[.94, .78]	1>2
	2 – Masculino	.58±.63		

Nota: BSI = *Brief Symptom Inventory*; M = Média; DP = Desvio-padrão; IC_{95%} = Intervalo de Confiança a 95%

Diferença da sintomatologia psicopatológica em função do tipo de fratria

Visando analisar as diferenças da sintomatologia psicopatológica em função do tipo de fratria realizou-se uma análise de variância multivariada (MANOVA). Os resultados revelaram que existem diferenças significativas da sintomatologia psicopatológica em função do **tipo de fratria** [$F(27,1359)=2.395$; $p=.001$; $\eta^2 = 1$]. Neste sentido, verificaram-se diferenças significativas entre os grupos, em todas as dimensões. Na **somatização**

[F(3,459)=6.401; $p=.001$; $\eta^2=.968$], com IC 95% [.43, .54], as comparações *post-hoc*, de acordo com o teste de *Scheffé*, indicaram que os sujeitos que fazem parte do tipo de fratria feminino/feminino ($M=.61$; $DP=.58$) e feminino/masculino ($M=.60$; $DP=.63$) apresentam uma média superior de somatização comparativamente com os que constituem o tipo de fratria masculino/masculino ($M=.32$; $DP=.38$). Verificaram-se, também, valores significativos na variável **obsessões-compulsões** [F(3,459)=4.842; $p=.003$; $\eta^2=.905$], com IC 95% [.98, 1.11], onde as comparações *post-hoc*, de acordo com o teste de *Scheffé*, indicaram que os indivíduos do tipo de fratria feminino/masculino ($M=1.14$; $DP=.69$) apresentam uma média superior de obsessões-compulsões quando comparados com os do tipo de fratria masculino/masculino ($M=.88$; $DP=.66$). Quanto à **sensibilidade interpessoal** [F(3,459)=9.461; $p=.001$; $\eta^2=.997$], com IC 95% [.82, .99], as comparações *post-hoc*, de acordo com o teste de *Scheffé*, indicaram que os sujeitos dos tipos de fratria feminino/feminino ($M=1.10$; $DP=.97$) e feminino/masculino ($M=1.16$; $DP=.95$) apresentam uma média superior de sensibilidade interpessoal comparativamente com os sujeitos dos tipos de fratria masculino/masculino ($M=.63$; $DP=.70$) e masculino/feminino ($M=.73$; $DP=.72$). Foram, igualmente, observados valores significativos na variável **depressão** [F(3,459)=10.162; $p=.001$; $\eta^2=.998$], com IC 95% [.87, 1.03], onde as comparações *post-hoc*, de acordo com o teste de *Scheffé*, indicaram que os indivíduos que compõem os tipos de fratria feminino/feminino ($M=1.17$; $DP=.92$) e feminino/masculino ($M=1.20$; $DP=.96$) apresentam, também, uma média superior de depressão comparativamente com os pertencem aos tipos de fratria masculino/masculino ($M=.66$; $DP=.68$) e masculino/feminino ($M=.77$; $DP=.80$). No que respeita à **ansiedade** [F(3,459)=12.166; $p=.001$; $\eta^2=1$], com IC 95% [.63, .75], as comparações *post-hoc*, de acordo com o teste de *Scheffé*, indicaram que os sujeitos do tipo de fratria feminino/feminino ($M=.91$; $DP=.68$) apresentam uma média

superior de ansiedade comparativamente com os que estão inseridos nos tipos de fratria masculino/masculino ($M=.43$; $DP=.45$) e masculino/feminino ($M=.58$; $DP=.58$), assim como acontece com os indivíduos do tipo de fratria feminino/masculino ($M=.82$; $DP=.72$), face aos do tipo de fratria masculino/masculino ($M=.43$; $DP=.45$). Verificaram-se, também, diferenças significativas na **hostilidade** [$F(3,459)=3.788$; $p=.011$; $\eta^2=.814$], com IC 95% [.89, 1.05], onde as comparações *post-hoc*, de acordo com o teste de *Scheffé*, indicaram que os elementos do tipo de fratria feminino/feminino ($M=1.15$; $DP=.88$) apresentam uma média superior de hostilidade comparativamente com os que compõem o tipo de fratria masculino/masculino ($M=.79$; $DP=.74$). Na **ansiedade fóbica** [$F(3,459)=7.622$; $p=.001$; $\eta^2=.987$], com IC 95% [.34, .45], as comparações *post-hoc*, de acordo com o teste de *Scheffé*, indicaram que os sujeitos dos tipos de fratria feminino/feminino ($M=.50$; $DP=.64$) e feminino/masculino ($M=.53$; $DP=.59$) apresentam uma média superior de ansiedade fóbica comparativamente com os do tipo de fratria masculino/masculino ($M=.20$; $DP=.31$). Constataram-se, ainda, valores significativos na variável **ideação paranoide** [$F(3,459)=9.229$; $p=.001$; $\eta^2=.997$], com IC 95% [1.01, 1.16], onde as comparações *post-hoc*, de acordo com o teste de *Scheffé*, indicaram que os indivíduos dos tipos de fratria feminino/feminino ($M=1.25$; $DP=.78$) e feminino/masculino ($M=1.32$; $DP=.90$) apresentam, também, uma média superior de ideação paranoide comparativamente com aqueles que pertencem aos tipos de fratria masculino/masculino ($M=.84$; $DP=.68$) e masculino/feminino ($M=.92$; $DP=.73$). Por último, verificaram-se diferenças significativas no **psicoticismo** [$F(3,459)=8.519$; $p=.001$; $\eta^2=.994$], com IC 95% [.69, .83], onde as comparações *post-hoc*, de acordo com o teste de *Scheffé*, indicaram, mais uma vez, que os sujeitos dos tipos de fratria feminino/feminino ($M=.94$; $DP=.78$) e feminino/masculino

($M=.92$; $DP=.80$) apresentam uma média superior de psicoticismo comparativamente com os elementos do tipo de fratria masculino/masculino ($M=.50$; $DP=.55$).

Análises preditivas

Predição da sintomatologia psicopatológica em função do género e das táticas de resolução de conflito

Visando averiguar quais as variáveis independentes que melhor predizem a sintomatologia psicopatológica, realizaram-se análises de regressões múltiplas hierárquicas, sendo que, para cada dimensão desta, foram inseridos três blocos. O bloco 1 correspondeu à variável género (*dummy*); o bloco 2, às táticas de resolução de conflito, dos perpetradores; e o bloco 3, às táticas de resolução de conflito, das vítimas.

No que concerne à **somatização**, o bloco 1 teve um contributo significativo [$F(1,461)=15.528$; $p=.000$] e explica 3.3% da variância total ($R^2=.033$), contribuindo individualmente com 3.3% da variância para o modelo ($R^2\text{change}=.033$); o bloco 2 teve um contributo significativo [$F(5,457)=7.750$; $p=.000$] e explica 7.8% da variância total ($R^2=.078$), contribuindo individualmente com 4.6% da variância para o modelo ($R^2\text{change}=.046$); e o bloco 3 teve um contributo significativo [$F(9,453)=4.425$; $p=.000$] e explica 8.1% da variância total ($R^2=.081$), contribuindo individualmente com 0.3% da variância para o modelo ($R^2\text{change}=.003$). Neste sentido, analisando individualmente o contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, constata-se que duas variáveis apresentam uma contribuição significativa ($p\leq.05$), apresentadas por ordem de importância: **género feminino** ($\beta=-.187$) e **agressão psicológica** dos perpetradores ($\beta=.137$), enquanto variáveis predictoras da **somatização**.

Relativamente às **obsessões-compulsões**, o bloco 1 teve um contributo significativo [$F(1,461)=13.451$; $p=.000$] e explica 2.8% da variância total ($R^2=.028$), contribuindo

individualmente com 2.8% da variância para o modelo ($R^2_{change}=.028$); o bloco 2 teve um contributo significativo [$F(5,457)=8.993$; $p=.000$] e explica 9.0% da variância total ($R^2=.090$), contribuindo individualmente com 6.1% da variância para o modelo ($R^2_{change}=.061$); e o bloco 3 teve um contributo significativo [$F(9,453)=5.197$; $p=.000$] e explica 9.4% da variância total ($R^2=.094$), contribuindo individualmente com 0.4% da variância para o modelo ($R^2_{change}=.004$). Deste modo, verifica-se que duas variáveis apresentam uma contribuição significativa ($p\leq.05$), apresentadas por ordem de importância: **agressão psicológica** dos perpetradores ($\beta=.251$) e **género feminino** ($\beta=-.154$), enquanto variáveis predictoras das **obsessões-compulsões**.

Quanto à **sensibilidade interpessoal**, o bloco 1 teve um contributo significativo [$F(1,461)=26.353$; $p=.000$] e explica 5.4% da variância total ($R^2=.054$), contribuindo individualmente com 5.4% da variância para o modelo ($R^2_{change}=.054$); o bloco 2 teve um contributo significativo [$F(5,457)=10.375$; $p=.000$] e explica 10.2% da variância total ($R^2=.102$), contribuindo individualmente com 4.8% da variância para o modelo ($R^2_{change}=.048$); e o bloco 3 teve um contributo significativo [$F(9,453)=6.280$; $p=.000$] e explica 11.1% da variância total ($R^2=.111$), contribuindo individualmente com 0.9% da variância para o modelo ($R^2_{change}=.009$). Neste sentido, constata-se que duas variáveis apresentam uma contribuição significativa ($p\leq.05$), apresentadas por ordem de importância: **agressão psicológica** dos perpetradores ($\beta=.248$) e **género feminino** ($\beta=-.233$), enquanto variáveis predictoras da **sensibilidade interpessoal**.

Face à **depressão** (Tabela 5), o bloco 1 teve um contributo significativo [$F(1,461)=27.629$; $p=.000$] e explica 5.7% da variância total ($R^2=.057$), contribuindo individualmente com 5.7% da variância para o modelo ($R^2_{change}=.057$); o bloco 2 teve um contributo significativo [$F(5,457)=10.923$; $p=.000$] e explica 10.7% da variância total

($R^2=.107$), contribuindo individualmente com 5.0% da variância para o modelo ($R^2\text{change}=.050$); e o bloco 3 teve um contributo significativo [$F(9,453)=6.852$; $p=.000$] e explica 12.0% da variância total ($R^2=.120$), contribuindo individualmente com 1.3% da variância para o modelo ($R^2\text{change}=.013$). Assim, nota-se que duas variáveis apresentam uma contribuição significativa ($p\leq.05$), apresentadas por ordem de importância: **agressão psicológica** dos perpetradores ($\beta=.245$) e **gênero feminino** ($\beta=-.238$), enquanto variáveis preditoras da **depressão**.

Em relação à **ansiedade** (Tabela 5), o bloco 1 teve um contributo significativo [$F(1,461)=31.725$; $p=.000$] e explica 6.4% da variância total ($R^2=.064$), contribuindo individualmente com 6.4% da variância para o modelo ($R^2\text{change}=.064$); o bloco 2 teve um contributo significativo [$F(5,457)=13.402$; $p=.000$] e explica 12.8% da variância total ($R^2=.128$), contribuindo individualmente com 6.3% da variância para o modelo ($R^2\text{change}=.063$); e o bloco 3 teve um contributo significativo [$F(9,453)=7.713$; $p=.000$] e explica 13.3% da variância total ($R^2=.133$), contribuindo individualmente com 0.5% da variância para o modelo ($R^2\text{change}=.005$). Examinando individualmente o contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, constata-se que duas variáveis apresentam uma contribuição significativa ($p\leq.05$), apresentadas por ordem de importância: **gênero feminino** ($\beta=-.254$) e **agressão psicológica** dos perpetradores ($\beta=.232$), enquanto variáveis preditoras da **ansiedade**.

No que concerne à **hostilidade**, o bloco 1 teve um contributo significativo [$F(1,461)=6.140$; $p=.014$] e explica 1.3% da variância total ($R^2=.013$), contribuindo individualmente com 1.3% da variância para o modelo ($R^2\text{change}=.013$); o bloco 2 teve um contributo significativo [$F(5,457)=17.187$; $p=.000$] e explica 15.8% da variância total ($R^2=.158$), contribuindo individualmente com 14.5% da variância para o modelo

(R^2 change=.145); e o bloco 3 teve um contributo significativo [$F(9,453)=9.937$; $p=.000$] e explica 16.5% da variância total ($R^2=.165$), contribuindo individualmente com 0.7% da variância para o modelo (R^2 change=.007). Deste modo, verifica-se que três variáveis apresentam uma contribuição significativa ($p\leq.05$), apresentadas por ordem de importância: **agressão psicológica dos perpetradores** ($\beta=.356$), **negociação dos perpetradores** ($\beta=-.132$) e **gênero feminino** ($\beta=-.115$), enquanto variáveis preditoras da **hostilidade**.

Quanto à **ansiedade fóbica**, o bloco 1 teve um contributo significativo [$F(1,461)=20.038$; $p=.000$] e explica 4.2% da variância total ($R^2=.042$), contribuindo individualmente com 4.2% da variância para o modelo (R^2 change=.042); o bloco 2 teve um contributo significativo [$F(5,457)=6.729$; $p=.000$] e explica 6.9% da variância total ($R^2=.069$), contribuindo individualmente com 2.7% da variância para o modelo (R^2 change=.027); e o bloco 3 teve um contributo significativo [$F(9,453)=3.917$; $p=.000$] e explica 7.2% da variância total ($R^2=.072$), contribuindo individualmente com 0.4% da variância para o modelo (R^2 change=.004). Desta forma, constata-se que somente o **gênero feminino** ($\beta=-.204$) apresenta uma contribuição significativa ($p\leq.05$), enquanto variável preditora da **ansiedade fóbica**.

Relativamente à **ideação paranoide**, o bloco 1 teve um contributo significativo [$F(1,461)=27.813$; $p=.000$] e explica 5.7% da variância total ($R^2=.057$), contribuindo individualmente com 5.7% da variância para o modelo (R^2 change=.057); o bloco teve um contributo significativo [$F(5,457)=12.495$ $p=.000$] e explica 12.0% da variância total ($R^2=.120$), contribuindo individualmente com 6.3% da variância para o modelo (R^2 change=.063); e o bloco 3 teve um contributo significativo [$F(9,453)=7.177$; $p=.000$] e explica 12.5% da variância total ($R^2=.125$), contribuindo individualmente com 0.5% da variância para o modelo (R^2 change=.005). Neste sentido, verifica-se que duas variáveis

apresentam uma contribuição significativa ($p \leq .05$), apresentadas por ordem de importância: **agressão psicológica** dos perpetradores ($\beta = .244$) e **gênero feminino** ($\beta = -.239$), enquanto variáveis preditoras da **ideação paranoide**.

Finalmente, face ao **psicoticismo**, o bloco 1 teve um contributo significativo [$F(1,461) = 25.212$; $p = .000$] e explica 5.2% da variância total ($R^2 = .052$), contribuindo individualmente com 5.2% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .052$); o bloco 2 teve um contributo significativo [$F(5,457) = 11.541$; $p = .000$] e explica 11.2% da variância total ($R^2 = .112$), contribuindo individualmente com 6.0% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .060$); e o bloco 3 teve um contributo significativo [$F(9,453) = 6.672$; $p = .000$] e explica 11.7% da variância total ($R^2 = .117$), contribuindo individualmente com 0.5% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .005$). Analisando individualmente o contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, constata-se que três variáveis apresentam uma contribuição significativa ($p \leq .05$), apresentadas por ordem de importância: **agressão psicológica** dos perpetradores ($\beta = .249$), **gênero feminino** ($\beta = -.228$) e **negociação** dos perpetradores ($\beta = -.090$), enquanto variáveis preditoras do **psicoticismo**.

Tabela 5. Predição da depressão e da ansiedade em função do género e das táticas de resolução de conflito

	<i>R</i> ²	<i>R</i> ² change	<i>B</i>	<i>SE</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
DEPRESSÃO							
Bloco 1							
Género (<i>dummy</i>)	.057	.057	-.446	.085	-.238	-5.256	.000
Bloco 2							
CTS2-SP (perpetração)	.107	.050					
Negociação							
Agressão psicológica			.164	.039	.245	4.199	.000
Abuso físico sem sequelas							
Abuso físico com sequelas							
ANSIEDADE							
Bloco 1							
Género (<i>dummy</i>)	.064	.064	-.352	.062	-.254	-5.632	.000
Bloco 2							
CTS2-SP (perpetração)	.128	.063					
Negociação							
Agressão psicológica			.114	.028	.232	4.022	.000
Abuso físico sem sequelas							
Abuso físico com sequelas							

Nota: *B*, *SE* e β para um nível de significância de $p < .05$

Discussão

Os primeiros estudos realizados em Portugal, acerca da violência fraterna, foram realizados por Relva et al. (2012a, 2012b, 2013, 2014). No estudo mais recente, de 2014, solicitou-se a jovens adultos que dissessem, retrospectivamente, o que tinham vivido com os irmãos (concretamente, que táticas de resolução de conflito tinham utilizado), quando tinham cerca de 13 anos de idade. A nossa investigação acrescenta novos dados a esse estudo inicial, uma vez que foi realizada com adolescentes, e objetiva também uma associação entre a violência fraterna e a sintomatologia psicopatológica. Duarte et al. (2009) defendem que o *Child Behavior Checklist* (CBCL) é o instrumento mais utilizado para identificar problemas de saúde mental, no entanto, nesta investigação utilizámos o BSI, por apresentar bons índices de fidelidade e validade, e ser aplicável diretamente aos

sujeitos em causa, enquanto o CBCL é destinado a adultos, questionando-os acerca de determinada criança ou adolescente, ou seja, é uma medida indireta.

Como já vimos anteriormente, muitos autores têm encontrado que a violência parece ter uma associação muito forte com a psicopatologia. Bordin e colaboradores (2006) demonstraram que, quando a violência ocorre entre irmãos, o seu bem-estar psicológico é afetado, acarretando graves consequências, tanto para as vítimas, como para os perpetradores. Os resultados obtidos na nossa investigação demonstraram que, de facto, tanto a perpetração, como a vitimização, quer de violência psicológica, quer de violência física, estão associadas à sintomatologia psicopatológica, sendo que o grupo mais velho de adolescentes (17-20 anos) é o que tende a apresentar valores superiores de ansiedade, hostilidade, ansiedade fóbica e ideação paranoide. Talvez isto aconteça porque os adolescentes, nomeadamente os mais velhos, se encontram numa fase em que tendem a apresentar grandes dificuldades em lidar com a frustração, e como não compreendem a sua dor psíquica, transferem-na para o exterior através, por exemplo, da hostilidade ou da ansiedade fóbica (Elkind, 1967).

Na infância, mas muito mais na adolescência, como sabemos, rapazes e raparigas apresentam aspetos desenvolvimentais distintos, encarando as suas vivências de forma diferenciada (Graham, 2004). Também relativamente à psicopatologia encontramos diferenças de género (ver supra). Assis e colaboradores (2009) indicaram que o género feminino apresenta índices mais elevados de sintomatologia psicopatológica do que o género masculino, aspeto que foi, igualmente, corroborado pelo nosso estudo. Uma das razões pode ser explicada pelo facto de o género feminino ser mais internalizante (Assis et al., 2009). Ao passo que o género masculino lida com a violência através de respostas externalizantes, o género feminino internaliza-a, apresentando-se, assim, mais vulnerável

ao despoletar de psicopatologia. Quanto ao tipo de fratria, a literatura não revela dados acerca da relação entre esta variável e a psicopatologia, mas os resultados da nossa investigação demonstraram, mais uma vez, que o género feminino predomina, sendo as díades femininas, e também as mistas, a desenvolver mais sintomatologia psicopatológica do que as díades masculinas.

Outro dado é que, de um modo geral, parece que a perpetração de violência psicológica prediz, positivamente, a diversa sintomatologia psicopatológica em estudo, o que significa que a violência psicológica pode ser potencialmente mais destrutiva do que as restantes formas de violência (Miller-Perrin et al., 2009). Este resultado demonstra-nos, também, que as vítimas de violência fraterna parecem ser mais saudáveis, ao nível da saúde mental, do que os perpetradores. Os indivíduos que se encontram mentalmente saudáveis demonstram capacidade para negociar de forma positiva quando se deparam com um problema, ao passo que um adolescente que se encontre psicologicamente afetado, isto é, que sofra de alguma sintomatologia psicopatológica, apresentará menos capacidades de pensamento, conduzindo-o mais facilmente às passagens ao ato, ou seja, à violência. Uma possível justificação para esta ocorrência poderá ser o facto de estes adolescentes já terem sido, eles próprios, vítimas de violência, podendo ter desenvolvido uma baixa autoestima. Neste sentido, o facto de não possuírem amor-próprio leva-os à necessidade de exteriorizar a sua dor, transferindo-a, neste caso, para os seus irmãos.

Um resultado interessante, e talvez expectável, foi o que diz respeito à *hostilidade* e ao *psicoticismo*: verificámos uma relação significativa, mas negativa, com a negociação, o que demonstra que os irmãos que utilizam a negociação como uma tática para a resolução de conflitos tendem a ter relacionamentos mais saudáveis (Goldsmid & Féres-Carneiro,

2007), preservando a sua saúde mental e, conseqüentemente, prevenindo o despoletar de sintomatologia psicopatológica.

Concluindo, a violência física e psicológica prejudica e perturba o desenvolvimento dos sujeitos, comprometendo a sua saúde mental (Wiehe, 1998). Finkelhor et al. (2006) verificaram que 35% de 2030 crianças e adolescentes atacou um irmão, pelo menos uma vez, durante um ano. Este estudo, como outros (Rapoza et al., 2010; Relva et al., 2014), revela elevadas taxas de violência entre irmãos, o que deve constituir um alerta para as conseqüências que daí podem advir. Torna-se, assim, importante que as famílias e os profissionais de saúde e da educação sejam motivados para a necessidade da promoção de projetos e ações que visem melhorar o relacionamento entre os pares e especificamente entre os irmãos, através de competências comunicacionais positivas, como é o caso da negociação. A implementação de programas de prevenção e intervenção poderão ser, também, passos importantes para a preservação do bem-estar físico e psicológico dos indivíduos.

Para finalizar, apontamos algumas limitações deste estudo, que devem ser consideradas. Por um lado, o tamanho da amostra não é representativo da população portuguesa de adolescentes; por outro, constatou-se que os estudos que relacionam a violência fraterna com a psicopatologia são escassos, comprometendo, em parte, o aprofundamento da temática. Há ainda a referir o facto de termos recolhido a perspectiva somente de um dos irmãos. Em estudos futuros seria importante considerar o aumento do tamanho da amostra, e conhecer a perspectiva, tanto do irmão perpetrador, como do seu respetivo irmão vitimizado. Seria, ainda, interessante perceber se a sintomatologia psicopatológica desencadeada na adolescência poderá evoluir para perturbações psicológicas na idade adulta, através de um estudo longitudinal e retrospectivo.

Referências

- Adler, A. (1984). *Conocimiento del hombre*. Madrid: Editorial Espasa-Calpe.
- Assis, S. G., Avanci, J. Q., Pesce, R. P., & Ximenes, L. F. (2009). Situação de crianças e adolescentes brasileiros em relação à saúde mental e à violência. *Ciência & Saúde Coletiva*, *14*(2), 349-361. doi: 10.1590/S1413-81232009000200002
- Avanci, J., Assis, S., Oliveira, R., & Pires, T. (2009). Quando a convivência com a violência aproxima a criança do comportamento depressivo. *Ciência & Saúde Coletiva*, *14*(2), 383-394. doi: 10.1590/S1413-81232009000200008
- Bordin, I. A. S., Paula, C. S., Nascimento, R., & Duarte, C. S. (2006). Severe physical punishment and mental health problems in an economically disadvantaged population of children and adolescents. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, *28*(4), 290-296. doi: 10.1590/S1516-44462006000400008
- Bromley, E., Johnson, J. G., & Cohen, P. (2006). Personality strengths in adolescence and decreased risk of developing mental health problems in early adulthood. *Comprehensive Psychiatry*, *47*(4), 315-324. doi: 10.1016/j.comppsy.2005.11.003
- Button, D. M., & Gealt, R. (2010). High risk behaviors among victims of sibling violence. *Journal of Family Violence*, *25*(2), 131-140. doi: 10.1007/s10896-009-9276-x
- Caffaro, J. V., & Conn-Caffaro, A. (1998). *Sibling abuse trauma: Assessment and intervention strategies for children, families, and adults*. New York: Haworth Press.
- Caffaro, J. V., & Conn-Caffaro, A. (2005). Treating sibling abuse families. *Aggression and Violent Behavior*, *10*(5), 604-623. doi: 10.1016/j.avb.2004.12.001
- Canavarro, M. C. (1999). Inventário de Sintomas Psicopatológicos: BSI. In M. Simões, M. Gonçalves, L. Almeida (Eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (vol. II, pp. 87-109). Braga: SHO/APPORT.

- Criss, M. M., & Shaw, D. S. (2005). Sibling relationships as contexts for sibling training in low-income families. *Journal of Family Psychology, 19*(4), 592-600. doi: 10.1037/0893-3200.19.4.592
- Derogatis, L. R., & Spencer, M. S. (1982). *The Brief Symptom Inventory (BSI): Administration, scoring, and procedures manual-I*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University School of Medicine, Clinical Psychometrics Research Unit.
- Duarte, C. S., Bordin, I. A. S., Green, C. R., & Hoven, C. W. (2009). Measuring child exposure to violence and mental health reactions in epidemiological studies: Challenges and current issues. *Ciência & Saúde Coletiva, 14*(2), 487-496. doi: 10.1590/S1413-81232009000200017
- Dunn, J. (1983). Sibling Relationships in Early Childhood. *Child Development, 54*(4), 787-811. doi: 10.2307/1129886
- Elkind, D. (1967). Egocentrism in adolescence. *Child Development, 38*(4), 1025-1034. doi: 10.1111/j.1467-8624.1967.tb04378.x
- Fernandes, O. M. (2002). *Semelhanças e diferenças entre irmãos*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Fernandes, O. M. (2005). *Ser único ou ser irmão: As relações entre irmãos nas famílias actuais*. Cruz Quebrada: Oficina do Livro.
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS* (3th ed.). London: Sage Publications.
- Finkelhor, D., Turner, H., & Ormrod, R. (2006). Kid's stuff: The nature and impact of peer and sibling violence on younger and older children. *Child Abuse & Neglect, 30*(12), 1401-1421. doi: 10.1016/j.chiabu.2006.06.006

- Garcia, M. M., Shaw, D. S., Winslow, E. B., & Yaggi, K. E. (2000). Destructive sibling conflict and the development of conduct problems in young boys. *Developmental Psychology, 36*(1), 44-53. doi: 10.1037//0012-1649.36.1.44
- Goldsmid, R., & Féres-Carneiro, T. (2007). A função fraterna e as vicissitudes de se ter e ser um irmão. *Psicologia em Revista, 13*(2), 293-308.
- Goldsmid, R., & Féres-Carneiro, T. (2011). Relação fraterna: Constituição do sujeito e formação do laço social. *Psicologia USP, 22*(4), 771-787. doi: 10.1590/S0103-65642011005000031
- Graham, P. (2004). *The end of adolescence*. New York: Oxford University Press.
- Haj-Yahia, M. M., & Dawud-Noursi, S. (1998). Predicting the use of different conflict tactics among Arab siblings in Israel: A study based on social learning theory. *Journal of Family Violence, 13*(1), 81-103. doi: 10.1023/A:1022864801027
- Hoffman, K. L., & Edwards, J. N. (2004). An integrated theoretical model of sibling violence and abuse. *Journal of Family Violence, 19*(3), 185-197. doi: 10.1023/B:JOFV.0000028078.71745.a2
- Houston, J. (2012). *Effects of violence on youths' perceptions of peer and sibling aggression*. Master's thesis. Faculty of the Graduate School, Marquette University, Wisconsin.
- Kettrey, H. H., & Emery, B. C. (2006). The discourse of sibling violence. *Journal of Family Violence, 21*(6), 407-416. doi: 10.1007/s10896-006-9036-0
- Kiselica, M. S., & Morrill-Richards, M. (2007). Sibling maltreatment: The forgotten abuse. *Journal of Counseling & Development, 85*(2), 148-160. doi: 10.1002/j.1556-6678.2007.tb00457.x

- Lai, D. W. L. (1999). Violence exposure and mental health of adolescents in small towns: An exploratory study. *Canadian Journal of Public Health, 90*(3), 181-185.
- Lemos, I. T. (2010). Risco psicossocial e psicopatologia em adolescentes com percurso delinvente. *Análise Psicológica, 28*(1), 117-132.
- Maia, J. M. D., & Williams, L. C. A. (2005). Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: Uma revisão da área. *Temas em Psicologia, 13*(2), 91-103.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística: Com utilização do SPSS* (3.^a ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Miller-Perrin, C. L., Perrin, R. D., & Kocur, J. L. (2009). Parental physical and psychological aggression: Psychological symptoms in young adults. *Child Abuse & Neglect, 33*(1), 1-11. doi: 10.1016/j.chiabu.2008.12.001
- Minuchin, S. (1990). *Famílias: Funcionamento e Tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Morril-Richards, M., & Leierer, S. J. (2010). The relationship between sibling maltreatment and college students' sense of well-being. *Journal of College Counseling, 13*(1), 17-30. doi: 10.1002/j.2161-1882.2010.tb00045.x
- Natsuaky, M. N., Ge, X., Reiss, D., & Neiderhiser, J. M. (2009). Aggressive behavior between siblings and the development of externalizing problems: Evidence from a genetically sensitive study. *Developmental Psychology, 45*(4), 1009 –1018. doi: 10.1037/a0015698
- Peltonen, K., Qouta, S., Sarraj, E. E., & Punamäki, R. (2010). Military trauma and social development: The moderating and mediating roles of peer and sibling relations in

- mental health. *International Journal of Behavioral Development*, 34(6), 554-563.
doi: 10.1177/0165025410368943
- Rapoza, K. A., Cook, K., Zaveri, T., & Malley-Morrison, K. (2010). Ethnic perspectives on sibling abuse in the United States. *Journal of Family Issues*, 31(6), 808-829. doi: 10.1177/0192513X09359158
- Reichenheim, M. E., Hasselmann, M. H., & Moraes, C. L. (1999). Consequências da violência familiar na saúde da criança e do adolescente: Contribuições para a elaboração de propostas de ação. *Ciência & Saúde Coletiva*, 4(1), 109-121. doi: 10.1590/S1413-81231999000100009
- Relva, I. C. Fernandes, O. M., & Alarcão, M. (2012a). Violência entre irmãos: Uma realidade desconhecida. *Revista Interamericana de Psicologia*, 46(3), 205-214.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., & Mota, C. P. (2012b). An exploration of sibling violence predictors. *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research*, 5(1), 46-62. doi: 10.1108/17596591311290740
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Martins A. (2014). Estudo exploratório da violência entre irmãos em Portugal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(2), 398-408. doi: 10.1590/1678-7153.201427221
- Relva, I. C., Fernandes, O.M., & Costa, R. (2013). Psychometric properties of Revised Conflict Tactics Scales: Portuguese sibling version (CTS2-SP). *Journal of Family Violence*, 28(6), 577-585. doi: 10.1007/s10896-013-9530-0
- Roscoe, B., Goodwin, M. P., & Kennedy, D. (1987). Sibling violence and agonistic interactions experienced by early adolescents. *Journal of Family Violence*, 2(2), 121-137. doi: 10.1007/BF00977037

- Shadik, J. A., Perkins, N. H., & Kovacs, P. J. (2013). Incorporation discussion of sibling violence in the curriculum of parent intervention programs for child abuse and neglect. *Health & Social Work, 38*(1), 53-57. doi: 10.1093/hsw/hls066
- Simonelli, C. J. Mullis, T. Elliot, A. N., & Pierce, T. W. (2002). Abuse by siblings and subsequent experiences of violence within the dating relationship. *Journal of Interpersonal Violence, 17*(2), 103-121. doi: 10.1177/0886260502017002001
- Steinmetz, S. K. (1977). *The cycle of violence: Assertive, aggressive, and abusive family interaction*. New York: Praeger.
- Stocker, C. M., Burwell, R. A., & Briggs, M. L. (2002). Sibling conflict in middle childhood predicts children's adjustment in early adolescence. *Journal of Family Psychology, 16*(1), 50-57. doi:10.1037/0893-3200.16.1.50
- Straus, M. A. (2007). Conflict Tactics Scales. In N. A. Jackson (Ed.), *Encyclopedia of domestic violence* (pp. 190–197). New York: Routledge, Taylor & Francis Group.
- Straus, M. A., Gelles, R. J., & Steinmetz, S. K. (1980). *Behind closed doors: Violence in the American family*. Garden City: Anchor Books.
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues, 17*, 283–316. doi: 10.1177/019251396017003001
- Tucker, C. J., Finkelhor, D., Turner, H., & Shattuck, A. S. (2013). Association of sibling aggression with child and adolescent mental health. *Pediatrics, 132*(1), 79-84. doi: 10.1542/peds.2012-3801
- Tucker, C. J., Gundy, K. T. V., Wiesen-Martin, D., Sharp, E. H., Rebellon, C. J., & Stracuzzi, N. F. (2014). Proactive and reactive sibling aggression and adjustment in

adolescence. *Journal of Interpersonal Violence*, 8, 1-23. doi:
10.1177/0886260514539760

Volling, B. L. (2003). Sibling relationships. In M. H. Bornstein, L. Davidson, C. L. M. Keyes, K. A. Moore & Center for Child Well-being (Eds.), *Well-being: Positive development across the life course* (pp. 205-220). New Jersey: Erlbaum.

Whipple, E., & Finton, S. (1995). Psychological maltreatment by siblings: An unrecognized form of abuse. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 12(2), 135–146. doi:
10.1007/BF01876209

Wiehe, V. R. (1997). *Sibling abuse: Hidden physical, emotional, and sexual trauma (2nd ed.)*. California: Sage Publications.

Wiehe, V. R. (1998). Sibling violence. In V. R. Wiehe (Ed.), *Understanding family violence: Treating and preventing partner, child, sibling, and elder abuse* (pp. 167-217). Kentucky: Sage Publications.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo permitiu-nos adquirir um conjunto de aprendizagens significativas no que concerne ao modo como os adolescentes lidam com os seus irmãos nos momentos de conflito, assim como acerca da sua associação com a psicopatologia. A escassez de estudos nesta área demonstrou-se evidente no nosso país. Neste sentido, a presente investigação parece-nos que pode ser um contributo importante para a comunidade científica portuguesa, pois apesar de investigadoras, como Relva e Fernandes, já terem apresentado alguns estudos sobre as relações entre irmãos, e em especial acerca da violência entre os mesmos, este é o primeiro estudo com irmãos adolescentes portugueses que trata da violência fraterna, introduzindo uma variável importante como é a psicopatologia.

A literatura existente acerca da violência fraterna fornece-nos conclusões empíricas relativas à infância, geralmente investigada retrospectivamente, havendo poucos estudos sobre o que acontece na fase da adolescência. Neste período de grandes transformações, as relações familiares, nomeadamente com os irmãos, ajudam a moldar as relações futuras com os pares e com as figuras amorosas, assim como interferem no ajustamento psicológico dos adolescentes. Como se sabe, e já o dissemos, as relações fraternas são muito importantes e, quando positivas, podem contribuir para um desenvolvimento saudável dos sujeitos. Por outro lado, quando se revelam negativas, pautadas por violência, podem afetar negativamente o seu bem-estar físico e psicológico.

Os resultados obtidos nesta investigação sugerem que a tática de resolução de conflito mais utilizada pelos irmãos adolescentes é a negociação, o que demonstra que, na fase da adolescência, os sujeitos parecem já ter adquirido melhores competências de comunicação, permitindo que resolvam os seus conflitos de forma mais racional, ao invés

de darem lugar ao *acting out*. Ainda assim, a violência psicológica continua a apresentar percentagens muito elevadas, o que pode ser explicado, não só pelo facto de os adolescentes utilizarem as competências comunicacionais no seu modo mais pejorativo, como também pela aceitação social desse comportamento entre irmãos como uma forma menos grave de violência, o que conduz à desvalorização das suas consequências.

Outro dado que encontramos foi que as diversas táticas de resolução de conflito estão associadas entre si, bem como com a sintomatologia psicopatológica avaliada. O género feminino, os adolescentes mais velhos (entre os 17 e os 20 anos de idade) e as díades femininas e mistas parecem ser os que mais usam e sofrem de violência psicológica, sendo também os que mais apresentam sintomatologia psicopatológica. Por outro lado, as análises de predição revelaram que, de um modo geral, o género feminino e a perpetração de violência psicológica parecem predizer, positivamente, a sintomatologia psicopatológica.

Estes resultados revelam-nos dados interessantes, na medida em que as vítimas de violência fraterna parecem ser mais saudáveis, ao nível da saúde mental, do que os perpetradores. Pode-se constatar que, quanto mais um adolescente do género feminino estiver afetado psicologicamente, isto é, quanto mais sofrer de sintomatologia psicopatológica, menos capacidades de pensamento e de raciocínio crítico apresentará, conduzindo-o às passagens ao ato, ou seja, à violência. Os indivíduos que se encontram mentalmente saudáveis demonstram mais capacidade para negociar de forma positiva quando se deparam com um problema, ao passo que os que estão perturbados resolvem os seus conflitos através da violência. Uma possível justificação para esta ocorrência poderá ser o facto de estes adolescentes já terem sido, eles próprios, vítimas de violência, o que poderá ter acarretado uma baixa autoestima e um sentimento de ressentimento, mágoa e

necessidade de vingança. Consequentemente, estes sujeitos deixam de se amar a si mesmos, sentindo necessidade de exteriorizar a sua dor, transferindo, assim, a sua conflitualidade interna para aqueles que lhes são mais próximos, como são os seus irmãos.

Estes resultados indiciam a necessidade de intervenção junto das famílias mais violentas e/ou problemáticas, para que pais e filhos sejam capazes de gerir os conflitos entre si, permitindo que os adolescentes convivam num ambiente familiar saudável. Neste sentido, algumas implicações práticas que poderiam ser benéficas seriam a sensibilização dos pais e dos profissionais de saúde e de educação para o fenómeno da violência fraterna como uma forma de violência familiar, bem como o ensino de competências parentais, por forma a que estes promovam uma interação positiva entre os seus filhos. A implementação de programas de prevenção e intervenção poderiam ser, igualmente, passos importantes para a preservação e desenvolvimento do bem-estar físico e psicológico dos indivíduos.

Para finalizar, importa fazer alusão a algumas limitações com que nos deparamos ao longo deste trabalho e apresentar sugestões para investigações futuras. A primeira limitação refere-se à dimensão geográfica da amostra, pois esta não é representativa da realidade do nosso país, uma vez que os dados foram recolhidos somente em cinco escolas do Norte de Portugal. A segunda relaciona-se com a escassa literatura que relaciona a violência fraterna com a psicopatologia, o que comprometeu, de certa forma, o aprofundamento da discussão dos nossos resultados. Outra limitação importante prende-se com a administração dos instrumentos, dado que não se fez uma distinção entre os sujeitos que preencheram os questionários individualmente e em grupo. De certo modo, este aspeto poderá ter comprometido a investigação, no sentido em que os adolescentes que preencheram os questionários em grupo poderão ter tido alguma relutância na sinceridade das suas respostas, dado que estas eram visíveis para o sujeito que se encontrava ao seu lado, na sala

de aula. Em estudos futuros seria relevante alargar a amostra e perceber se os irmãos que perpetraram violência entre si tendem a transferi-la, também, para as relações entre pares ou mesmo para as relações amorosas. Seria, ainda, interessante realizar um estudo longitudinal para perceber se a sintomatologia psicopatológica desencadeada na adolescência poderá evoluir para perturbações psicológicas na idade adulta.

Resta-nos acrescentar que chegamos ao fim de uma etapa, mas não certamente ao fim de um caminho. E o que descobrimos deixou-nos apenas a sensação do muito que ainda há a investigar sobre este assunto, mais do que importante, se se quiser compreender melhor a violência familiar. E, porque está ligado: compreender a violência na sociedade em geral.